

**JOSÉ MARIA ALVES**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)

[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

# **POESIA ALLA PRIMA**

**INSTANTES I**

Chamo-lhe *Instantes* porque não sei que lhes hei-de eu chamar. Instantes, porque são realmente instantes, evocações conscientes, reais ou inconscientes, ilusórias do "agora", sem correcções de monta, preocupações estéticas, tentativa de agradar ou desejo de prestígio. Escassos segundos ou minutos de escrita inglória, bastas vezes "experimental".

*Poesia Alla Prima*: depressa e bem duas vezes bem. Depressa, sim, mas o bem... Enfim.

Poucos os irão ler. Mas, que me importa? Que importância terá tal facto neste preciso momento ou decorridos que estejam quarenta ou cinquenta anos? No *dilúvio final*? – A mesma dos *Instantes* ou do passado: nenhuma.

E se nem um único leitor tiver? Melhor exemplo que o meu não encontro, já que também eu raramente os leio depois de os escrever, realizando esporádicos e inoportunos "aperfeiçoamentos".

Eles são o presente em imersão constante no passado e o passado deve morrer para que o novo nasça constantemente. Também eles devem morrer.

*Junho de 2010*

De Ti venho  
Para Ti vou  
És Tu que eu sou

A ribeira da minha aldeia  
Seca no Verão

Sinto a água corrente  
Vejo-a brilhar ao Sol

Pura ilusão  
De quem ver quer  
O que não pode ter

Oh um Louva-a-deus –  
Se o meu louvor

Fosse como o teu

Não te possuo quando te quero ter  
Nem depois de te ter tido  
Ou enquanto em vão te tenho  
Tenho-te quando não te quero  
Ou pouco me importa ter-te

Sabe-me a mundo  
O rumor da água da ribeira

Continua  
A saltar de alma em alma

Tão verdadeira  
Tão real

Que de a ver  
Julgo ver a Terra inteira

Na sombra da noite  
Um Grande-pavão nocturno –  
A criança diz que é um morcego

Ontem choveu

Hoje o Sol doira o Outono

De novo em viagem  
Enquanto meu amigo  
Se quedou suplicante  
Num latir rouco  
De saudade declarada

Canta Cigarra canta  
Teu cantar  
É a essência  
A justa medida  
Do amar

D' Aquilo  
Não digo sim nem não  
Nada afirmo  
Ou contradigo

Não me atenho à aparência

Respondo com o silêncio  
E um dedo  
Apontando o caminho  
Sem realidade e existência

Água pura  
Na levada –  
Lava-me a alma

Um cigarro  
E o seu fumo  
Na mente ausente

A solidão  
Desafia-me  
A estar só

É bela a sombra –  
Aponta sempre  
O trilho da luz

Apesar de viver querer  
Se antes de mim morreres  
Pergunta à Senhora Morte  
Se podes transportar contigo  
Um velho amigo

Uma nuvem negra no céu –  
A sua água é tão pura  
Como a de outra qualquer

As flores do jardim  
Primorosamente cuidadas

Todas as suas vontades  
Realizadas

Sucumbirão  
À primeira tormenta

Porque guardas tu  
Os meus espinhos  
Ouriço-cacheiro?

As coisas não são mais que coisas  
Aqueles que vejo

Ou me contam de ter visto  
E imagino como são

E vejo por outrem ou mesmo por mim  
No Lago da Eternidade

Onde estão todas menos eu  
Que se de coisa me revisto

Pertencendo ao imaginário que é teu  
É porque se no que existo

Sinto em ti o que é meu e  
Em mim o que é teu



Que restará de mim  
Para além de minúsculas partículas  
Espalhadas sobre o solo violado?

O gato espreita a toca  
Impávido tal estátua

Aguarda o rato

Para quem espera  
Tudo tem o seu tempo

Sozinho no quarto  
A lareira acesa –  
Lá fora um frio álgido

Eu e  
A dança das labaredas

Música celta –  
Lá fora um vento gelado

Abelha negro-brilhante  
Abelhão-preto  
De pata felpuda

Asa castanho purpúrea  
Abelhão-preto  
Voa voa

Um homem com gripe  
E uma carpideira –  
Não vislumbro diferença

A árvore é fustigada  
Por ventos violentos  
Da montanha agreste –  
Sobreviverá

Frio lá fora

Leve película de neve  
Cobre o jardim  
Afaga o pelo do Crestelo

No recolhimento da vidraça  
Cresço por dentro  
Tal erva da calçada  
Queimada pela geada

Formiga preta  
Do bosque  
Não te aventures na vinha

Obreira de dura carga  
Tua rainha te aguarda

Esta ferida que sangra  
Ninguém o sangue estanca

Neste meu ferimento  
Não pode haver lamento

Nasço de mim  
Para mim

Com que suavidade  
Sobe o papagaio

Empurrado pelo vento  
De modo tão lento

Como anjo colorido  
Nas asas das nuvens

Criança  
Deixa-me subir contigo  
No sonho do teu olhar

Ouve Pirilampo de clarão verde –  
A tua luz  
De eterno viajante  
Basta para me alumiar a noite  
E pôr a alma incandescente

A revolução  
Dum povo ignorante –  
Corrupção    compadrio  
Hipocrisia    anarquia

Povo morto em vida

Não há verdade oculta  
A única verdade  
É não haver verdade nenhuma

Alma que se consome nas delícias do Amor  
Carne rasgada pela vibração dos sentidos –  
Alma sem pecado

Corro atrás do vento –  
De quando em vez agarro-o  
De vez em quando cavalgo-o

São dores que sinto  
Trémulo e melancólico  
Sem saber o que faço  
O que quero  
Apenas mudar

Ser  
Ser como quem vive  
Viver como quem é  
Amar sem saber  
Morrer como quem nasce

Gente ingrata  
E maledicente –  
Não é este o meu povo

Amo  
Como ama o Amor  
Amo por amar  
E quando repousar  
Quero repousar no Amor

Sol nascente  
Não há chegada

Nem no Poente  
Há partida

Apenas eterna estada

Num mundo de vime

De novo em viagem  
A carruagem 81 de sempre  
E o mesmo som das rodas  
A trilhar os carris

Tejo e céu cinzentos  
Em oração silenciosa

Cheguei por vereda obscura  
Regressarei a não-sei-onde e  
O preço da viagem  
Não sei nem saberei

Sonho de Verão –  
Num dia gelado  
Mãos velhas por aquecer

Aquela mulher  
Chora sem chorar  
Grita sem gritar  
E pede a Deus a morte

Onde está seu filho morto?

O menino que Deus lhe deu  
Jaz desfeito no Ultramar

Dia de Inverno  
Sol de Primavera

Nu no terraço

Lá dentro  
Na sombra da paz  
O *Peste* dormita  
De olhos abertos

Mundo belo  
E sofrido –  
Das mãos do ladrão de rosas  
Esvai-se a felicidade



Do lado de lá das portadas  
Os meus sonhos desfeitos  
Desfilam em cortejo fúnebre

Que me importa a sua morte  
Que já não sonhe  
Eu que apenas vivo

A loucura é vantagem  
De quem não sabe o que sabe  
Nem sabe que não conhece  
O que conhece e sabe

Uma abelha no tanque  
Debate-se na direcção da margem –  
Onde aprendeu ela a nadar?

Mesmo doente

A falta do corpo  
De mulher –  
Que vício  
É o *amar*

Apenas cinco minutos  
De dia cinco  
Do quinto mês  
Do nono ano

Sede de Infinito

Ouve Escorpião  
De veneno letal

Vai e volta pequeno animal  
Não te rodearei de fogo  
Serei tua fiança

Vai e vive  
Vai e volta

Chuva de Primavera

A taça transborda  
E a minha vontade  
Fracca e lassa  
Não a esvazia

Não me concede  
A liberdade do vazio

Uma gripe  
Que incómodo

Quem me manda pensar nisso?

Choramingas

Poeta do instante

Do momento

Do tempo sem tempo

Do vazio

Mas

Doem-me as pernas

Toupeira-cega dos túneis  
Alheia ao mal dos homens –  
Quem me dera ser como tu

Lareira de Primavera  
E o som de Bach  
A envolver as chamas

Na tarde fria  
Quem me dera

Ora  
Quem me dera  
Que me fizessem suar

Junto ao ribeiro  
Um jovem Agno-casto  
Com ramos branco-aveludados

Acaricio-o

Inclino-me sobre as flores lilás-pálido  
De odor adocicado

A água corre  
Num leito de algodão  
Cada vez mais estreito  
E o meu desejo desvanece-se  
Casto  
Puro e casto

Quem mata o que me mata  
Quem mata o medo da morte  
Senão a própria Morte?

Ensina-me amigo  
De longas noites de invernias  
A viver o instante

Ensina-me amigo  
A ser como tu  
Nessa tua Paz  
Que sendo tua  
Também é minha

Que dor esta

No coração em lágrimas –  
Partiste sem nada dizer

Lume da lareira  
Sua beleza  
É luz e som

A luz da extinção  
E o som crepitante  
De velhos  
E generosos paus

Um Serzino canta  
Num poste de electricidade

Uma túlipa-brava  
Está atenta à sua ária

Vem até ao solo  
Coberto de alimento

E volta ao céu  
A cantar

O som da flauta  
Parece longínquo –

Tal é o infinito

Que sono

Não quero  
Nem posso dormir

Poderei eu prescindir  
Desta Paz?

Loja da Burra -  
No silêncio da noite escura  
A Paz dos céus  
No espírito em quietude

Ó Corvo de bico amarelo  
Que te faz aproximar?

Vai  
Hoje não tenho nada para te dar

É esta dor  
Este ferimento  
Que me faz conceber

Não coisas nuas e novas

Mas a mim  
O meu ser  
Eu mesmo  
Em cada momento

Sexta-feira Santa  
Que frio –  
O frio da morte de Cristo

As cerejas amadurecem -  
Cada uma pende da cerejeira  
Pelo seu próprio pé



Um insulto recusado  
retorna ao doador  
Como a flecha ao atirador

A avó

Brinca com a neta  
No quintal

Ela

Que personifica  
O amor gratuito

Duas vezes mãe

A sombra persegue-me

De costas para o Sol  
Um espinho cravado na carne velha de pus

Num qualquer lugar  
Eu intuo sinto e sei  
Brilha a luz

Árvore derrubada  
Não chores

Eu sei  
Sei que o machado de ferro

Tem o cabo  
De tua carne feito

A vontade e a paciência  
O longe que é perto  
E a paz que se alcança na escuridão

Só é feliz quem em si tem a paciência

A paciência sem esforço das noites de invernia

Paciência para tudo  
Paciência para nada

Perdiz e perdigotos  
No caminho em procissão  
Obrigam-me a parar

Perco-te com dor  
Mas perco-te  
Como quem ama uma virgem  
Sem ousar tocar-lhe

E se tudo pareço ter perdido  
Digo-te  
Resta-me a solidão da Coragem  
E do Amor

Chuva de Verão

Alegria dos cachos  
Pendentes

Tristeza do meu coração  
Indiferente

Gostaria que minha última morada  
Fosse no cemitério da aldeia  
Junto dos homens de outrora

Arrepio-me –  
Não me vão sepultar  
Junto dos de agora

A vida  
Como a estrela da manhã

Contudo -  
A noite

Moscas  
Voam na cabana de meu amigo

Que incómodo  
Para ele

Mais ainda  
Para mim

Oh um Camaleão imóvel  
Está a mudar de cor –  
Primeiro-ministro

Serei eu sempre o eterno viajante

Quando chego  
Quero partir

Quando parto  
Quero chegar

E se chego  
Voltar

Ora –  
Raios me partam  
Deixai-me estar

Não há mal que me possa acontecer  
Que mal pior do que um eterno  
Anoitecer do amor que mal mais  
Atroz que a ausência do amar e a  
Feroz investida do ódio e ganância

Onde estás tu  
Ó Primavera?

Por onde andas  
Tu tempo de flor  
Tempo de paz  
E de amor?

Não foi Ele  
Que cerrou o trinco da porta

Fomos nós  
Que cerrámos o portal  
Dos sentidos

Que angústia é esta que me domina  
Que sopro de ânsia me consome

Que saudade me envolve  
Que tristeza me contamina

Neste quarto de invernias é ausência que sinto  
Do cheiro da urze e da visão do cume

Lar sem tecto  
Flores ao orvalho –  
Coração atormentado

Um novo dia floresce  
Um amor termina  
E uma nova árvore de liberdade  
Sem raízes ou apegos  
Em mim cresce

Na parede velha da casa  
Segurando-a  
Uma Osga –  
Livra-me das melgas

O coração iluminou-se  
Abriram-se os portais da origem  
Secaram as lágrimas

Na mente virgem

Como é que te posso  
Amar apenas a ti

O meu amor não tem senhor  
Ou administrador

É gratuito  
Indiscriminado

Vinho derramado  
Sobre a vida

Indecisão -  
Fim de tudo  
Princípio do nada

Vê o pássaro que voa  
Em círculos rápidos e perfeitos

Em si  
Morto o passado



A lembrança

Retorna ao voo  
Novo e inocente  
Como a mente de uma criança

Vim do Nada  
Vou para o Nada

Quero Tudo  
Quero Tudo

A pedra grande da colina  
Junto da levada  
Dorava ao Sol  
Sem lembrar  
Que dia após dia ano após ano  
O mesmo Sol a dorava

Abençoada

Noite escura na colina

Não a temo ou esconjuro  
Basta-me uma vela  
Para as letras grandes do livro

Acendo-a e não vejo as estrelas  
Mas não é noite é dia  
Apago-a e vejo

E vivo

Os pensamentos persistem  
Na nau lotada

Sucedem-se e subsistem  
Em perpétua afronta  
Ao universo inocente

Uma borboleta esvoaça  
Ao vento forte

Exausta poisa na proa  
Lança aguçada rumo ao Norte

Logo parte

Antes a liberdade  
À segurança

Um rio que corre sem margens  
Flores que não florescem –  
Eis o Barqueiro da Morte

A pomba poisou no muro –  
Olhou-me  
Sorriu  
E partiu

Dor sem fim  
Dor gélida

Por quanto tempo  
Esta saudade?

Haverá quem a transforme  
Em amor  
E não podendo ser  
Em amizade?

Pássaros chilreiam no teu quintal  
Na eira nos juncos da ribeira

E eu não sei  
Se fico surdo cego mudo  
Como antes de minha mãe  
Me entregar ao mundo  
Quando apenas quero  
A vida que um animal tem

Geadas  
Campos brancos

A dor de uma alma angustiada  
Nos botões da cerejeira por florir

Lince-ibérico  
Há horas que o persigo  
É lusitano  
Mesmo que o encontre  
De nada me irá adiantar

Injuriado vilipendiado  
O desdém da ingratidão

O silêncio –  
O doado retorna ao doador

É aparente a união  
É invisível o Vazio –  
Sou arrastado pelo vento

Uma nuvem negra  
No alto do mastro

A sua água é pura  
Verdadeira  
Transparente fresca  
Imaculada

Inocente e cristalina  
Como brincadeira de criança

Uma Geneta –

Não é o que pensas  
É civeta nocturna

Desaparecido o passado fica  
O presente

Desaparecido o presente resta  
O Agora-Sem-Tempo

O Nada que tudo agrega  
Que a nada se apegas

A beleza do céu azul  
É a beleza da cor –  
Incontornável

Outono –  
Silvas crescem para dentro  
Como eu para o meu interior

O Sol queima-me o corpo  
Mas quero-o

Tanto como o sofrimento que me atormenta  
E os ténues momentos de repouso

No espaço lento dos dias

É um privilégio ter vivido  
Uma vida de padecimento

A Borboleta-pavão  
Sai da vinha e  
Voa no candeeiro do jardim –  
Voa como se desse a volta ao mundo

Na Primavera  
A percepção  
Mais perfeita  
Mais nítida  
Amplia-se ao exterior  
Às pétalas incólumes  
E rosadas  
Da flor de um só dia

Primavera –  
Morro em mim

Morre o eu  
Renasço noutros

Em cada um  
Um pedaço meu

No penedo de Gibraltar  
Um macaco

Macaco-de-Gibraltar

Olhamo-nos imóveis  
Cada um  
Querendo saber  
Quem o outro é

Segundos que parecem eternidade  
Nos olhos luzidios da curiosidade

Somos irmãos



Exijo e não amo  
Amo como o amor ama

Repouso no amor liberto e nascente  
Amo por amar

Nada mais posso dizer  
Nada mais para te dar

Sete vezes caí  
Sete vezes me levantei

Errei fazendo bem  
Acertei fazendo mal

E à oitava me quedei  
Nem bem nem mal

Ele tudo é  
Eu sou Ele o tudo em Tudo

Quem sou eu  
Quem és Tu  
Se Tu és eu  
E eu sou Tu?

Trago comigo um bloco  
Onde anoto  
O que vejo e sinto

Momento a momento  
Hora a hora  
O Eterno-Agora

Antes o deitasse fora

Não Te conheço mas  
Tenho saudades –  
Tenho saudades de Ti

Noites inteiras esquecido de mim

Noites sem fim a sofrer o sofrimento alheio

Noites que despertam o árido deserto da Morte

Sento-me na enxerga  
Cabeça apoiada nas mãos dolentes

Aguardo entorpecido

Enquanto espero  
Pôs-se a Lua  
Nasceu o Sol  
E hoje Tu já não vens

O meu velho cão  
Ouve o cantar da terra profunda

Sabe como quem sente  
Que em breve cantará com ela

Melodia de lágrimas  
Contraponto de nossa melancolia

Flocos de neve  
Vestem a impiedade  
Que ofendeu o teu santo corpo

Eu estou aqui  
Imóvel –  
A neve também

E tu onde estás?

Poucos lêem poemas  
Poucos são os poemas que se lêem

Poemas extensos ninguém os lê  
E para quê lê-los se só o autor sabe o que dizem quando sabe?

Decidi desfazer os meus em pedaços  
Fragmentos de uma nova existência

Quem quiser se quiser cole-os  
Faça-se realidade na realidade que eu já não reconheço

A sua  
O seu poema  
Que sendo mau  
Não é meu  
É seu

A noite cai  
Há um silêncio devastador  
Eu não penso

O vento sussurra nas folhas  
As trevas iluminam-se  
O vazio enche-se de deuses

A ansiedade amaina  
Da inquietude nasce a paz

No suave ronronar das águas do rio

Uma ave pia  
Tudo pára  
Ao encanto da sua voz

Adormeço

O dia  
Parece não ter fim

Se todos fossem assim  
Seria mais feliz

Milhares de vivos passam  
Carregando afazeres

Todos sabem que vão morrer  
Quantos o sentem?

Na estrada deserta  
Um louco vendia verdades

O Sol enlouqueceu  
A Lua de amor –  
Suor de Primavera

Cristo não morreu -  
Morre todos os dias  
Na carne dos pobres

Um sem-abrigo  
Rói as unhas –  
Que mais tem ele para comer?

Uma prostituta na noite negra  
Desce a avenida

Um mendigo aconchega-se  
Nos cartões do banco verde

Um bêbado vomita bÍlis  
E cambaleia a sorrir

Um homem foge do medo  
Com a mão no peito

Um padre passa em corrida cega

No dia de finados  
A morte de sua amada

Para memorar a morte  
No dia de sua lembrança

Viu-a o desgraçado descer à cova  
Serenos de lágrimas

Morreu também o amado  
Que na amada vivia mais que em si

No mesmo coval relvado  
Foi sepultado em alba fria

Ovelhas no lameiro  
Sem pastor –  
As muralhas do ego derrubadas

Uma barata-tonta  
De fato e gravata –  
Director-menino-da-mamã

Um cego na vereda  
Outro cego conduz –  
Espelho do mundo

Olha criança  
O papão da gentilha –  
Espantalho no parlamento

Tal como a Ulisses  
Meu velho cão

Aguardou por mim  
Para morrer



Ó Peste  
Como te hei-de eu esquecer?

Serras Mar Estrelas  
Ventos Sol e Luar  
Derramam Amor

Doce  
E  
Forte

Forte  
Como  
A Morte

O vento sopra para Norte  
O meu caminho é Sul

Mas

Amigo  
Vou contigo

Se a minha mente fosse um espelho  
Nada me atormentaria

Aceitaria sem conservar  
Seria perfeito  
Na paz da quietude  
No vazio da plenitude

Nem telha  
Nem terra  
Nem alma  
Nem nada

Na taça cheia  
Não sobra lugar –  
Mente encharcada

Sozinho  
Me deito

Sozinho  
Me divirto

Sozinho

Acompanhado

Por uma taça de vinho

Jesus disse –  
Mais nada vos digo  
Ó adúlteros

Eu sou o meu Mestre –  
O meu coração é o da pomba  
O meu espírito o da serpente  
E a minha atenção constante

O ladrão nada deixou

Apenas a valiosa Lua  
Que o monge lhe quis dar  
E que tolo rejeitou

O Amor não se disfarça  
Quem ama nada teme –  
Vem a mim

Aquela adúltera apedrejada  
Que na sua compaixão  
Salvou o cão vadio da morte  
Residirá no paraíso

A de negro-justiça  
Que o abandonou  
Morrerá

Aqui  
Estou aqui  
Apenas aqui

E a neve cai

Porque carrego eu o fardo do desejo e da volúpia?  
Porque não morro para o passado?  
Porque não morro?

O destino  
É uma moeda  
De duas caras  
Como tu  
Como eu

O meu testamento  
Nada tem de extenso –  
A vida é um sonho

O galo já canta –  
Lá fora o breu da noite  
Cá dentro o vento frio da alma

Levantou-se o Sol  
No teu regaço

O orvalho brilha  
No ninho das aves

E meu rosto doirado  
Resplandece no terreiro

#### DUMA ORAÇÃO POPULAR

Nesta hora de angústia  
Virgem Maria  
Minha guia  
Vosso manto visto

Vós sois meu escudo  
Vós sois minha espada

Se alguém mal me quer  
Se tiver pernas não ande

Se tiver braços  
Não desande

Se tiver boca  
Mudo fique

Se ouvidos tiver  
Surdo seja

Se dos olhos vir  
Cego me não veja

Porque vós Virgem Santa  
Luz da Luz  
Minha madrinha sois  
Para sempre amém Jesus

Forte corrente arrasta a barca

Quem auxiliará o Barqueiro  
A chegar à margem?

Sou a gota  
Que dia a dia se derrama  
No oceano da Vida

O feitiço  
Foi-me lançado

Deslumbrado por brinquedos fúteis  
Bens perecíveis  
Sombras da riqueza e ostentação

A feiticeira

Venceu-me

Preso às coisas do mundo  
Até quando?

Casam-se  
Prazer  
E  
Alegria

O azar  
Com  
A sorte

Lágrimas  
Com  
Sorriso

Porque não casar  
Vida e Morte?

Hoje o poente  
É uma atmosfera de Turner

Vermelho-rosado de vigor  
Cinzento-marfim tormentoso



A tua morte

O vazio da tua presença  
Na esplanada deserta  
Fazem-me reflectir –  
Que busco eu afinal?

Numa fogueira  
De velhos galhos adormecidos  
Queimou todos os livros sagrados

Cremou  
Todas as religiões  
Todas as ideologias

Das cinzas  
Nasceu o  
Salvador

Que em novo lume  
Lhe queimou o *ego*  
Derrubou todas as muralhas

E daí  
Nasceu o Amor

Há um sudário no Céu  
Há um sudário na Terra  
E um Homem que nunca repousou

Morrer  
Talvez  
Antes morrer

Do que viver  
Eternamente  
A sofrer a cruz

Na Babilónia  
Chorámos sentados  
O navio afundado

Vinte anos  
Argos penou  
Vinte anos derramou sofrimento

Ulisses o feroz  
Chorou  
De Emeu escondendo as lágrimas

Assim o fiz também eu

O Outono já veio –  
Nos ramos nus  
Tremem as aves

Tenho pena  
Do tormento  
Da luz do perdão

Há estrelas no lago  
E no caminho  
A poeira acorda

Como um espantalho  
Da amada ouço as palavras –  
Espanto-me e afasto-me

Posso confiar em alguém?

A vida é borrasca negra

De temporal desfeito

Não confio em ninguém

Agora sei –

Para sempre só

Nas noites de Inverno

Julgo que tudo findou –

A palavra

Murchou a flor

Madrugada de Inverno –

No corredor sem sono

A visão de meu pai morto

Dois Invernos passaram –

Em testamento  
Deixaste-me o teu olhar

Não conheço este país  
De peito de flor  
Em sangue

Poesia e cor  
Purificam  
Minha alma perdida

Neste Inverno  
Não há flores  
Neste Inverno

As cerejeiras nuas  
Olham-nos tristes  
Tristemente nuas

Esta manhã  
Fizemos amor  
Num só corpo

As minhas velhas cerejeiras  
Estão em flor  
Alheias a um mundo alheio

Quando o fruto chegar  
Hão-de vir salteadores  
Para as saquear

Esta noite sonhei  
Que tinha morrido  
Ladeado de narcisos

Acordo desiludido  
Lá fora um grito de dor –  
Onde está o Paraíso?

Nem sempre as flores

Brotam onde possam ser contempladas –  
Algumas esquecem-se de si

É hora –  
A difícil hora  
Do despertar

Esta sombra silenciosa  
Não escolhe hóspedes  
Ouviste musarinho?

A vida  
É hoje  
Um sopro vazio

A sombra de Inverno  
A minha sombra

A vida das sombras

Assim é a sombra  
Assim a minha sombra  
Assim são as sombras

No charco  
O meu rosto –  
Envelheço com o Sol

Meditava –  
Estava nela  
Todo o universo

Pegada após pegada  
Nada resta no areal  
Além do passado



O Sol nasceu na minha janela  
Penetrou os lençóis de linho  
Mas não iluminou o meu coração

Estou só e não sonho  
Desejo o fim do dia  
E o sono da noite escura

O rio saudou-me  
Vi-o dizer-me adeus  
Enquanto as trutas brincavam

O eco do sino  
Chama para o terço –  
Rezo e adormeço

O Outono molhado  
Cheira nos pinhais  
À canela dos teus olhos

Pelos lameiros verdes da ribeira  
As águas que correm  
Já são mar

Só nós sabemos em que canteiro  
Estão as tuas cinzas  
Só nós as poderemos aspergir

O mistério  
Não existe  
Para quem nada sabe

Quem sabe  
Sem saber  
Morre nele

No cadeirão velho da casa  
Minha irmã não me viu  
Viu nosso falecido pai

Noite fria de Janeiro  
A cama gelada  
Gela o coração quente

O velho maltratava  
O velho cão –  
Velho idiota

Quero o meu túmulo  
Virado a Nascente  
Para que o Sol me aqueça  
Diariamente  
Para todo o sempre

Um sapo de beca  
Arrasta-se babando  
No tribunal

O rio  
Corria  
Lento

O meu velho cão  
Sempre me ensinou  
O caminho da Unidade

No fundo da terra  
Nas trevas negras das profundezas  
Os vermes já clamam por ti  
E pelos teus  
Vaca negra da injustiça

Chamam-te até à terceira concepção  
Tu vaca de Basan  
Que negaste ao pobre animal injustiçado  
A vingança do que é justo

Na tua iniquidade  
Amaldiçoada sejas até à terceira geração

A abelha voa em círculos –  
Eu e o não-eu  
Ouvimos atentos o seu zumbido

A rua estranhou os transeuntes  
Os passos descompassados  
Da virtude cambaleante

A rua já não aponta caminhos  
Não alimenta esperanças

A rua é apenas a rua  
Sem fim

Medo de ir

Medo de vir  
Medo de ser  
Medo de te ter

Chegara o dia da sua morte  
Sem que algum poder sobre ele tivesse

Abandonado à dor da incerteza  
Partiu no último sopro de vento

Manhã cedo de sono  
Com a neve a coroar os picos da serra

Nuvens sem destino  
No olhar frígido da aurora  
Na absoluta incerteza do amanhã

Rio doirado  
Na floresta silenciosa –  
Sol em fuga

Começou o degelo  
Inundando as sombras  
Dos salgueiros

Os olhos da mulher  
Ávidos  
Das pernas da jovem

O mundo enfeitiçou-me  
Tu enfeitiçaste-me –  
Já não sou eu

Sou um objecto  
Teu

Hoje as galáxias cantam  
Por entre as nuvens –  
Os cães uivam

O Não-nascido  
É o mais feliz  
Dentre vivos e mortos

Dia de sol e nuvens  
No mistério do corpo inerte –  
Desespero ao despertar

Naquela mulher em chaga  
A doença era já morte

Mesmo assim  
Com graça sorria

Como se o dia fim não tivesse  
E a dor esquecida fosse



Uma gaivota plana  
Um cão corre no areal –  
Serenidade à beira-mar

O casebre do pastor  
De tão pobre  
Tem sempre a porta aberta

A vida do homem  
É uma sombra sem rasto  
Na estepe gelada

O Sol nasceu  
O Sol pôs-se  
Para quê tanto esforço?

O que aumenta o conhecimento  
Faz crescer o sofrimento

Ilusão  
Tudo é ilusão  
E querer cavalgar o vento

Somos apenas  
Impermanentes partículas  
No corpo do Eterno-Infinito

Do lado de fora  
Do portão  
Um homem morria à fome

Anoitecia –  
Vagarosamente  
O quarto adormecia

Suavidade  
Isolamento  
E vazio  
Na ausência da mente

Sou a água  
Que corre da montanha  
E nada sabe do oceano

Campanha eleitoral –  
As moscas poisam  
Em tudo o que é merda

Hoje estou tranquilo  
Como quando estava  
No colo amoroso de minha mãe

No caminho aplainado  
Pelos insensatos  
Tropeçam os justos

Ele mora nos céus

E sorri compassivo  
Da sua montanha sagrada  
À súplica  
Das faces ensanguentadas  
Pelo poder e perfídia

A mulher  
Tinha a língua afiada da serpente  
E do canto dos lábios  
Escorria veneno  
Invisível  
Como vento a correr  
Na árvore morta  
Da rua deserta da cidade

O homem –  
Um sopro  
Uma sombra ao meio-dia  
Uma gota de orvalho

## **SALMOS**

1

Feliz é o homem  
Que não segue o conselho dos ímpios  
Nem se detém no caminho dos iníquos

Feliz é o homem  
Que o arroubo põe  
Na lei do Senhor  
E com seu coração

Nela medita  
Noite e dia

2

Amotinam-se as nações  
Dementes  
Revoltam-se os reis da terra  
Insolentes

Quebremos os grilhões  
Apartemos o seu jugo

3

Senhor  
São muitos os que contra mim  
Se levantam

Alguns dizem  
Nem Deus o poderá salvar

Mas Tu Senhor  
Respondes ao meu apelo  
De tua santa montanha

4

São muitos os que se questionam  
Quem nos trará a felicidade?

Que a luz da tua face sobre nós floresça

És Tu  
Quem alegra o meu coração  
Mais do que se alegram  
Os que em abundância  
Vinho e pão têm

5

Em paz me deito  
Porque apenas Tu  
E a tua lembrança  
Deus meu  
Me faz viver em segurança

6

Ouve as minhas palavras

Atende a minha súplica

Escuta a voz do meu clamor  
Ó meu Deus  
Ouve a minha oração  
Que com o Sol nasce

7

Senhor não me castigues  
Senhor tem compaixão de mim

Cura-me porque desfaleço  
Gemo e choro sem cessar

Apazigua a minha alma  
Salva a minha vida

8

Livra-me Senhor dos que me atormentam  
Defende-me

Tu  
O supremo juiz  
Julga-me segundo meu direito  
Julga-me segundo a minha culpa  
Segundo a minha inocência

9

Tu és o refúgio do oprimido  
Dos humildes  
Que não abandona à angústia  
Quem te procura

Caem no fosso os pagãos  
Arrastados para a mansão da morte  
A sua ruína é total  
Caindo mortos a teus pés

A mim que te louvo  
Aos infelizes sem esperança  
Aos pobres  
Não escondas a tua piedade  
Liberta teu amor

10

O ímpio persegue o infeliz  
O pecador vangloria-se  
O ambicioso blasfema  
Os inocentes são mortos  
Em vis emboscadas  
Os infelizes aprisionados  
Nas redes da malícia

Não te esqueças Senhor  
Dos miseráveis  
Dos pobres  
Tu amparo do órfão  
Das viúvas  
Dos humildes  
Dos oprimidos  
Conforta-os no seu coração

11

Em ti me refugio  
Senhor

Tu que habitas no trono



Dos céus  
Tu que amas a justiça  
E avalias  
O justo e o ímpio  
Que odeias a violência

Em ti me refugio

12

São cada vez menos os justos  
A lealdade é palavra vã  
E a mentira prolifera

Defende-nos desta gente  
Cuida de nós  
Senhor  
Cuida de quem te não mente

13

Esqueceste-me Senhor?  
Escondes de mim a tua face?

O meu coração angustia-se  
O meu inimigo triunfa

Olha-me Deus meu  
Responde-me  
Ilumina os meus olhos

Que ninguém diga  
Venci-o

Confio na tua misericórdia  
Confio no teu amor

14

Quem poderá habitar o teu santuário  
A tua montanha sagrada?

O que te ama  
Senhor  
Numa vida sem mácula

15

Digo ao Senhor  
Tu és o meu Deus  
O meu cálice  
A minha herança

A minha sorte está nas tuas mãos

Contigo a meu lado  
Caminharei em segurança  
No caminho da Vida  
E para sempre  
Estarei no gozo  
Da tua presença

16

Senhor ouve  
A minha causa  
Atende meu clamor  
Escuta a minha oração

Profere sentença  
Pois tudo vês

Fui fiel às tuas palavras  
Percorri duras veredas  
E não me alheeli do teu caminho  
Nem mentira proferi  
Ou da boca  
Se soltou qualquer transgressão

Sacia-me com a tua presença

17

Senhor  
Tu és a minha rocha  
Fortaleza  
E protecção  
Tu és o meu abrigo  
O meu escudo

Fui cercado pelas ondas da morte  
E pelas vagas destruidoras  
Envolvido nos laços do abismo

A terra tremeu  
As montanhas foram abaladas  
E do teu santuário  
Ouviste a minha voz  
Livre de pecado  
Tiraste-me das águas caudalosas  
Livraste-me do inimigo  
E recolheste-me no teu regaço  
Porque és fiel  
A quem fiel te é

18

Meu Deus  
Meu Deus

Porque me abandonaste?

Porque rejeitaste a minha lamentação  
O meu pedido de socorro?

Durante as noites solitárias  
E longas  
Por ti clamo

Durante o dia  
Por ti chamo  
E Tu não respondes

A minha alma não sossega

Tu és o Santo  
Eu um verme  
Cercado por touros ferozes  
Mas não te apartes de mim  
Não te afastes

19

O Senhor é meu pastor  
Nada me falta

Em verdes prados me descansa  
Às águas refrescantes me conduz  
Conforta a minha alma  
Guia-me na rectidão

Ainda que vales tenebrosos atravesse  
Não terei medo

Não haverá dia  
Em que a tua bondade e o teu amor  
Me não acompanhem

Não terei medo

E para sempre  
Na tua morada habitarei

20

Para ti Senhor  
Elevo o meu espírito

Mostra-me os teus caminhos  
Ensina-me os passos  
Das tuas veredas  
Conduz-me à tua Verdade

Para ti Senhor  
Elevo o meu espírito  
E em ti confio

Esquece os meus pecados  
Olvida os meus delitos  
Salva-me a mim  
Que sou pecador  
Só e abandonado  
Por mil angústias  
Atormentado

21

Senhor  
Tu és a minha salvação  
Baluarte de minha vida

Nada me assusta  
Nada me atemoriza  
Mesmo que todos os exércitos  
Me cerquem  
No meu coração não haverá temor

Uma só coisa te peço  
E desejo  
Habitar na tua morada  
Para todo o sempre

22

Senhor  
Tu meu rochedo  
Não ensurdeças  
Ouve a minha voz  
Atende o meu grito

23

Bendigo o Senhor  
Que me salvou

Bendigo o Senhor  
Que me curou

Livraste a minha alma  
Da Mansão dos Mortos

Sem cessar e em júbilo  
Meu coração te cantará

24

Feliz aquele a quem a culpa é perdoada  
Feliz o que é absolvido do pecado  
Feliz o que não é acusado

O meu pecado te confesso  
Assumo a minha culpa

De bruços te agradeço o perdão  
Envolvido em cânticos de libertação

25

Bendigo-te Senhor

Enaltecei-o comigo  
Exaltemos seu nome  
Que clamado por um pobre  
De imediato lhe responde

O Senhor é bom  
Exaltai-o  
Desviados do mal  
Abraçando o bem  
Perseguindo a paz  
Os humildes enriquecem  
Enquanto os ricos empobrecem

O Senhor resgata a vida dos seus servos

26

Senhor  
A tua bondade atinge o céu  
Tua fidelidade as nuvens  
Tua justiça os montes mais altos  
Teu juízo o profundo abismo

Debaixo das tuas asas  
Refugiam-se os justos

27

Deus  
Vinde em meu auxílio  
Que contra a minha vida atentam

Sou pobre  
Sou infeliz  
Socorrei-me

Vós  
Meu protector  
Vós  
Meu libertador

Não tardes  
Deus meu

Não nos podemos acreditar neste país sem dicção  
Zig-zag de conquistadores operários de clubes de  
proxenetas  
As gravatas líricas enrodilhadas no baixo-ventre de  
espíritos imundos mercadoria-sombra do mundo cintilante  
da ganância  
Palmas e ambição no tapete da filigrana que os  
lenhadores não podem pisar



Indiferente  
Ao Teu aparecimento  
Como a árvore que seca  
E aguarda sem aguardar  
A chuva de Verão

Indiferente  
À experiência  
Ao desejo  
Ao conforto  
À Tua vinda  
À Tua ida

Um bando  
De gaivotas  
Desnorteadas  
Em debandada

Esgotaram-se as palavras  
Na benção da essência

Das coisas profundas  
Milagre da humildade da suprema

Virtude cultivável nas silvas  
Onde as rosas florescem

De madrugada no silêncio  
Do canteiro imóvel

Um relâmpago  
No céu  
Ilumina o paraíso

O Sol ia varrendo as nuvens  
Do céu em harmonia  
Com as flores coloridas

Do pasto verde  
Ladeado por rochedos  
De musgo amarelo-esverdeado

Duas ou três árvores  
Sem pensar na morte  
Lançaram raízes  
No velho coração do bosque

Terra vermelha  
Árvores verdes  
Paz nocturna na colina

O rio dormia  
Embalado pelo vale  
Berço de alegria

Meia vida  
Meia morte –  
Caem as flores

Cai a folha amarela  
Junto ao casal de pombos  
No parque onde nascem crianças

Intenso calor à beira do lago  
Onde um cão  
Lava o focinho negro

Por baixo da ponte em ruínas  
Patos e pombos  
À sombra uns dos outros

Cheiro de Estio no ar  
Ofegante  
Perfumado

Pelo caminho subia-se  
Na direcção da memória

Os candeeiros da cidade  
Apagavam as estrelas

Mulheres ressuscitavam  
Na avenida escura

Amor repartido em pão e vinho  
Amor profano  
Com princípio e fim

Uma rua imunda com prédios estereotipados navega ao  
ritmo do sentido dos veículos  
Os vivos dirigem-se para o matadouro ao som de um  
piano desafinado tocado no último das habitáculos da  
desesperança

Manhã de sombras  
Que não se repetirá  
Na ilusão do tempo

O desejo da morte  
Dor sem dor  
Dor que a dor mata

A amante de décadas  
Segredou –  
Boa viagem

Uma lágrima rolou  
Para o leito de morte  
Enquanto para sempre  
Adormecia

Paredes de pedra e um  
Telhado  
Marroquino na  
Garagem dos fundos

Longe  
Para além da  
Cidade suja  
Com seus monstros  
E alienados  
O mar  
Na direcção de África  
No coração  
Do deserto azul

A escrivanhinha aberta  
Espera  
A caneta

Uma tela betumada  
Aguarda  
A primeira pincelada

Naquela casa  
Do monte solitário  
Tudo está suspenso

Não ter nada  
É ter tudo  
Nesta varanda sobre o Tejo

Hoje  
Pensava querer um corpo

Erro

Basta-me o meu

Uma nova caravana de camelos entra no deserto à  
gandaia das marés pela porta principal do hemiciclo  
São Bento da Porta Aberta a tudo o que é ladrão

Na teia de pequena aranha  
Junto à lareira  
Uma vespa

Não me contive

Mas

Tarde demais

A criança brinca amorosamente  
Com os cisnes –  
É um Buda

Um quadro verde  
Um laranja  
Olhos de medo  
Um ar condicionado  
Um irradiador  
Mobílias antigas  
Fora  
Uma piscina inerte  
Na solidão da tarde

Via-se  
Que demandava a alma  
Na oração perdida

Na colina  
Uma cerejeira florida  
Abriga um melro  
E com ele



A humanidade inteira

Uma luz ténue  
Na casa branca da colina –  
Estarão a fazer amor?

À tardinha  
A minha sombra  
Persegue-me

A vida dela  
Parece mais real  
Do que a minha

As flores  
Flutuam  
No lameiro

Operários descem a rua de Santa Justa alheios aos  
comentários das páginas cheias de garatujas negras  
desconhecendo que são lixo internacional

Hoje  
O frio é cor de sangue

A geada  
Geme no azul do lago

Não consigo  
Matar a mosca  
Nem ferir a flor

O cuco canta  
Enquanto a cigarra  
Anuncia o calor

Uma flor de camélia  
Debate-se ao vento Norte

Cai a tarde  
Cai a flor  
Exausta  
Como o dia  
Nas rugas do cavador

Conto feijões  
Para não pensar

No lago  
Exuberante  
Morre a luz do Sol  
Ao entardecer

Sei que nada sei  
Feliz sem saber

Sei que nada sei

Talvez assim  
Venha a conhecer

Talvez

Em Junho  
Também chove  
Nas rãs ao Sol

Fujo da minha sombra –  
Quanto mais corro  
Mais vida lhe dou

Morro  
Nos ossos  
Dos meus antepassados

A partir de hoje  
Serei apenas  
O eterno-viajante

Um clarão entre trovões estremece as pérolas de orvalho  
A Lua gela ao cair do dia  
Fria solenemente fria  
Agora demorada no silêncio das nuvens

As cigarras não cantam  
Por entre os lírios amarrados à terra branca  
Enquanto  
Nos meus olhos crepitam lágrimas  
A escorrer nas folhas mortas

Através da neve o viajero  
De lanterna apagada  
Tropeça na vereda nua

Um leito gelado aguarda-o  
No monte onde a Lua descansa

Palhaço pobre –

Riso inocente  
Em lágrimas submersas

Nascer

Navegar em mar revolto

Morrer

Calmaria na baía

Uma canção nova  
Diz que te amo

Uma canção nova  
Penetra no teu quarto

Lá fora  
Um cão ladra à toa

Um rouxinol canta  
Na Senhora da Serra

A cantiga que dorme  
Minha alma te doa

Branca é a manhã  
Resguardada das discórdias

Hora de julgar  
Os mistérios

O amor deveria ser  
Uma andorinha  
A ir e voltar

Minha  
Na ida  
E no estar

Por mestre quero um louco  
Peregrino sem destino  
Perdido na floresta profunda

Ela

Ela vive  
E sofre

Mergulha na tarde  
Na sombra da montanha  
Em tristeza crescente

Feições agudas  
Pés a sulcar pegadas  
Já lavradas

Com uma pulseira doirada  
No tornozelo pérola

Ela

O desejo voraz  
Sempre presente  
Consome-me

Amanhece  
Trinco o mundo velho

No meio da manhã  
Um mar de ondas

Alameda sombria  
A orar



Suplicante  
A flor murchou

Ao florescer  
De improviso

Com tons quentes  
Pinto as mulheres

De janela escancarada  
Deixo  
A Primavera entrar

País de escombros  
Para além das estrelas  
Grão de areia no mundo

Latido de nortada  
Dos horríveis monstros  
No tempo que esmorece

No cárcere do coração  
Que entristece  
No choro da casa oca

O búzio  
De tanto escutar o mar  
Não cessa de o cantar

Pesado copo de vinho  
Na mão alada  
Do cavador

Um altar no templo escuro  
Santificado pela adoração  
Dos anseios e medos

Da turba supersticiosa  
Mergulhada na idolatria  
Do passado

Se Te visse  
Seria um óptimo dia

Excelente

Ver-Te –  
Ótimo dia para morrer

Num mundo  
Em chamas  
Não há estrangeiros

Rio-me de ti  
No instante do crepúsculo  
À tarde tudo muda

Na terra odiosa  
Martírio de loucos  
Pobres do dia a apodrecer

Desgraçados sem fé  
Pó levantado os cega  
No deserto

Das luzes moribundas  
Oliveiras de sangue  
Ataúde em carreiro

O vento sacode as palmeiras  
Na última luz do dia

A sombra do cipreste  
Por mero acaso  
Escolhe as sepulturas

Amor pisado  
Pelos mortos antigos  
De mil flechas  
Aguçadas

Quero partir  
Morto de tal sorte  
Como Sol encoberto  
No planalto

A terra treme  
O rio galga as margens  
Assim me afundo  
Assim parto

No Senhor Deus  
Que a liberdade  
Me deu

Envelhecemos  
E de medo  
Morremos

Neve  
Gelo  
Vento Norte

Ervas  
Escondidas  
No pasto

Raízes  
Dilaceradas  
Pelo machado do tempo

Soam três badaladas  
No ar gelado –  
O Buda espreita pela porta

Teu corpo santo  
Na pura mocidade

Tua voz trespassada  
Por fogo sem fumo

Teu nome  
Que sacia a fome

De pobre aflito  
Em botão de rosa  
Por abrir

Trave mestra

O carro  
Cai na chuva  
Desfeito

Abre-se o clarão  
Do dia em dor

A mala  
Levanta a voz

Pássaro  
A vomitar fumaça  
Na gente que passa

O céu varrido  
Por raparigas atormentadas  
De desejo

Um jovem moço  
Arqueiro

Da virtude

A rua nua  
Um brasão  
Um coração

Imaginação  
No saco de lixo  
Ao amanhecer

A poesia  
Canta o silêncio  
Em si bemol

Nos poemas  
Répteis  
Um homem falido

Carteiro  
Sem cartas  
De amor

Mendigo  
Sem lenço  
Sem lençol

Alma pura  
Dobrada  
No Livro do Horizonte

Um inferno lá fora atrás das roseiras dissipa a dívida  
externa em festas e convulsões  
O céu cristalino observa o pavimento sangrante dos  
palácios moribundos de feridas acres arrastadas pelo

volume da corrente a engolir homens bichos e barcos  
hidráulicos

A rua suja da cidade com os pulmões a estourar recolheu  
ao sono pantanoso de dilacerante pesadelo Ali estavam  
colunas em vigília observando a perpétua e patética  
diversão das esculturas roídas pela noite e pelo abismo  
Escuma do tempo

A palmeira de tão solitária  
Parecia o deserto

Muda  
Anunciava-o

Uma dor aguda  
Expansiva  
Penetrava a essência da beleza

Rasgava o corpo em dois  
O amor em três  
Sacrificado nas colinas a Sul

Livre da ambição  
Ardia sem fumo  
E todo o meu ser tremia

A chama brilhava incandescente  
No topo do bloco de pedra inerte  
Agitada pela brisa do entardecer



Uma aranha ágil  
Enreda as moscas na teia  
Como quem ama

Ia e vinha buscando a essência da Morte  
Sem nunca perceber que era a Vida  
Também a essência da Morte

Espero em vão  
As penas do purgatório  
Enquanto tu segues  
O rasto da Lua Nova

Os bosques densos  
Verdes  
Com árvores em flor  
Esbracejam

Em terra alheia  
Me perdi  
Em noite longa  
Me encontrei

Pardal e rouxinol  
No mesmo galho florido –  
Paz e harmonia

No sonho flores  
Amarelas desfilavam

Na avenida púrpura  
Fértil de pernas nuas  
Cruzadas em arco-íris

Nada encontro  
De perfeito –  
Nem as lágrimas do arrependimento

A cama  
Desfeita

Sem o teu corpo  
Branco de neve  
Gelou

Na tarde abafada  
Mais uma borboleta  
Que me não sai da Alma

Angelus –  
O sino geme  
Na rua deserta

Sinto-me a chegar ao fim na impaciência das árvores  
ondulantes  
Na margem do rio um pobre mulher lava a febre dos filhos  
de ricos em culto gestual tão ancestral como a sufocação  
dos escravos náufragos de abominável caravela  
Morte maldita

A lareira acesa  
Derreteu  
Os meus pensamentos

Envelheço  
Depressa  
Depressa demais

Uma lebre parou no caminho bem na frente do jipe  
Inocente no escuro da madrugada manteve-se imóvel  
como numa gravura  
A Serra ganhou contornos de alegria nas almas tisonadas  
dos pastores

O cão velho na estrada  
Ergue-se sonolento  
Enquanto o carro aguarda  
Pacientemente

Quem me dera  
Estar por estar  
Ser por ser

Já não ouço  
Cães a ladrar –  
A raposa foi-se

Um sorriso ora distante  
Ora próximo

Um ajeitar de longos  
Cabelos lisos

Uma palavra  
Uma só palavra

Parca esperança  
Para quem está só

A Primavera  
Legou ao Inverno  
Rosas de gelo

Luz do Sol  
Também  
No pátio da prisão

Chegara não se sabe donde com seu sorriso luminoso e  
olhar cintilante  
As flores desabrochavam nos seus passos os cães  
uivavam na profundidade das suas entranhas e os seus  
gestos afáveis de criança eram embarcações lançadas ao  
mar bonançoso  
Nunca iria dizer-nos nada absolutamente nada do que  
sabia Para sempre omitiria a Verdade

Ao raiar da aurora  
O piar suave do pássaro  
Não escolhe auditor

Ao longe  
A montanha onde sempre estive –  
Dúvida no voltar

Um degrau no tapete  
Desce por entre luzes

De castiçais e incenso  
Energia que desperta

Os corpos imensos  
Da barata universalidade

Da rua de Santa Bárbara

Mais uma árvore  
Derrubada no caminho –  
A morte volta sempre

Ao leme  
Que a barca orça  
A vela rasgada

Encharca o vento  
De espuma salgada  
A vaga varre a proa

Sacode as escotas  
Range o aparelho  
Cega o timoneiro

Ao leme marinheiro  
Que a morte espreita  
Que Deus nos valha

Último comboio da noite –  
Homens seguem homens  
Tédio segue tédio

No relógio avariado  
Poisa a ave do tempo  
Morta de sede e fome



Em Toto  
Improvisado  
Um cemitério militar  
De terra negra

Jovens guerreiros  
Que nunca  
Deixaram de o ser  
Em Toto

Desembarcámos em Luanda marchando na avenida  
ornada de saias rodadas com os olhos cegos de luz  
Nos lábios o sorriso de quem vai beber a cicuta das  
delícias do amor e da guerra

O vento  
Alivia o calor  
Do Crestelo

Aves submersas  
Na colina

Semeada de arcos góticos

A Primavera resplandece  
Nos olhos azuis

Cor de lago  
Salpicado pelas copas

De frondosos pinheiros verdes

Quando o desejo fala  
O segredo é revelado  
À alma cega  
De apaixonada

Na erva verde  
À beira do rio  
Cai uma maçã do teu rosto

O som da flauta  
Nos teus lábios  
É uma harmonia nova

A vontade era um tédio amarelo a repousar nos degraus à  
sombra da faia  
Na aldeia morrera uma criança já velha em corpo amado  
Corpo contorcido num leito sem sonhos  
Tudo findara no rumor dos novos ruídos

As estradas do pensamento  
Percorridas  
Demasiado vistas  
Escondem no pó

A sabedoria de monstruosas crianças  
Ouve camarada  
Este é o caminho dos mortais  
Na poeira do espaço negro

E do tempo incólume  
À penetração de súbitas visões  
Na acrópole

Discute-se a alma trivial  
Das formas de neve  
A cobrir o mármore da multidão

A chuva caía ansiosa no telhado de vidro Por baixo os  
corpos agitavam-se em cúpula desfeita Lençóis de seda  
desmoronavam-se em círculos imperfeitos quando a neve  
começou a cair

Um ligeiro gemido fraterno clamou ao silêncio da aurora  
Amor agora que tarde se faz e a manhã doirada já  
estremece Agora no amplexo mecânico o mecânico  
espasmo

Agora ou nunca

Só os pobres têm alucinações  
Tormentosas  
De amores ao rubro

Os ricos  
Esses com prudência  
Têm visões

Mediúnicas  
Inspiradas  
Durante as exalações

Donde comandam  
As cordas gastas  
Do relógio da indigência

Sentado na carruagem do esquecimento de si e das  
recompensas Na paisagem corrida apenas a humanidade  
mergulhada em doutrina impura de ídolos sacralizados  
O véu do tempo beijou o sono primaveril inundado pelo  
cantar orgíaco das cotovias  
Afinal somos todos fantoches

As cataratas dos teus seios  
Redondos inermes

Sem função palpável  
Atraíam o olhar

Do navegante  
Doutros corpos

Ergueu-se a bandeira da democracia na madrugada  
hasteada por débeis recrutas vindos de terras de ninguém  
Canhões ao sul apontados ao paço e obuses envolviam o  
Cristo sem vida a mirar o rio  
Caíram poderosos Caíram no fundo do lago onde por  
burguesia mágica nasceram abolicionistas aos milhares  
Novos predadores de carne fresca retalhada em invasões  
antigas a limpar o ranho nas mangas dos súbditos das  
pobres vielas

Durante a tarde  
A vontade de partir

Depois de noite  
Dormida em cama de pedra

Tenho dos meus antepassados  
Olhos negros e por vezes  
Uma visão pessimista do mundo

Na capela lateral  
A Santa olha

Em todas as direcções  
Atenta aos pecados

Soletrados por velhinhas  
E antigos escravos de negros porões

À tardinha  
Ouve-se o perdão  
De uma Ave-Maria

É preciso inventar o amor  
Hoje é apenas palavras de encantamento que morrem à  
beira do rio ascendente A ilusão do peito submerso nos  
ácidos projectados em escombros Miséria rastejante  
perdida no deserto de leis desconhecidas Sarcasmo  
hormonal de corações falsamente compassivos Umbral de  
porta escancarada ao engano e ao desejo alucinatório de  
sacros sofismas Luz feérica de ruelas adormecidas no  
néon da praça virgem  
É preciso reinventar a mentira

O gesto violado  
Ingénuo

Corpo exilado  
Da vida

Dias das Estações  
À venda

Os palácios incendiados  
Pelo aborrecimento

Sem que o murmúrio  
Da bruma vermelha

Aconchegasse a noite  
De fábulas e oceanos

Por descobrir

Um raio no largo  
Da aldeia –  
Esfumaram-se os saltimbancos

Experimentámos as palavras  
O sentido rude da enarmonia

Convexa

Ambições

O amor

Joguemos como amantes nascentes  
Os corpos suados lânguidos ausentes  
No palco sombreado do leito de açucenas

Há uma ponte entre nós Um abismo enlameado pela  
apoteose

A Lua arde e o Sol no outro lado da Terra desespera  
Diz-me flor qual é o teu nome Não corras gazela  
Os corpos estão à venda  
Hoje  
Domingo  
Algueres lá fora



Uma exposição de pintura  
E ao lado um pobre pintor  
Vai caíndo um casebre

Pampilhosa –  
Outrora  
A esperança interminável  
Da mudança

Hoje  
Por segundos  
A mesma casa rosa  
E a partida  
No silvar da máquina do tempo

OuvIU-se um acorde  
De dó maior no corredor escuro da casa grande do  
embarcadouro  
Alguém soletrava palavras de versos salgados que  
ecoavam no horizonte cinzento-pérola Maresia e acórdão  
entrelaçados em acto de amor

Ao fundo da rua estreita via-se o céu carregado de  
sombras e a Lua timidamente a espreitar  
Uma cantora com uma garrafa de rum ao peito encostara-  
se ao garrido papel de parede descolorado por alucinações  
larvares Não se iria deitar sem homem No ferro-velho do  
pontão Norte encontraria pelo menos um velho mutilado  
ou um magistrado embriagado  
Iria beber o licor da volúpia num qualquer vão de escada  
enquanto o mar descansava nos degraus do cais

Paus de vedação  
Amontoados  
Sem protecção

O fogo ergue-se  
No terreiro

Pássaros minados de piolhos  
Tomam assento nas bancas

De frente para o coreto  
Povoado de bandeiras de papel

Grossos bigodes  
Em saxofones doirados

Raparigas aguardam ansiosas  
A chegada do esquelético conjunto

Do toque aprazível  
Ao bailar

Os selvagens  
Modernos  
Condenam  
Os irmãos  
A morrer  
Famélicos

As cidades alimentadas de seiva ornamental amamentam  
manadas oblíquas e transviadas de seres ausentes  
fumegantes seminus a esmiuçar o pântano da avidez

Os selvagens  
Modernos  
Não são  
Como  
Os de antigamente

São canibais castrados a arrostar a pior das prostituições  
no ego massacrado por falsas rebeliões  
Muralhas do tempo

Cigarra  
Faz a tua escolha

Um único lugar  
Para cantar

Uma só fêmea  
Para amar

Todos nós temos um demónio  
Tal pedra de fogo na algibeira do casaco roto a  
esquadrinhar o fundo do lago  
Gravura bizarra  
Impressa no sonho de fim de tarde  
Onde penetra um amigo acorrido no canto da sala vazia  
Sem que tenha sido convidado para o fuzilamento  
Uma águia na parede negra de lumes remotos poupada ao  
inferno das almas humanamente imbecis pressagia a  
chegada de moscas ferozes tristemente despeitadas no  
reino animal  
Na fome do amor infinito iludiu-se o espírito no espaço  
ocupado pelo bosque da ravina de Satanás

Pobreza envergonhada  
No bairro dos subúrbios  
Envelhecido pelo ócio  
Pelo tédio

Pelo sem-sentido  
Dos passeios vulgares  
Irregularmente calcetados  
Nas noites de Inverno

Sordidamente ornadas

Por insónias  
Mar de chamas

E pela cólera  
Das famílias  
Famintas

Mais um projecto entre tantos  
Necessito de um projecto para viver estupidamente –  
Atravessar o Atlântico de patins

A noite dura na impensável longevidade do cosmos  
Corre sangue na ladeira iluminada por velha estrela de  
prata uma das poucas que a cidade desordeira não  
ofuscou  
À porta da catedral de três bicos um homem de tenra  
idade jorra lágrimas efervescentes de sentimentos  
contraditórios Matara-o a morte de amor e ciúme ódio e  
rancor  
Aguardaria com as mãos crispadas no coração contrito o  
perdão dos séculos Aguardaria sempre mesmo depois de  
morrer com o coração exposto no ventre aberto

Idílio  
Acompanhado à flauta  
No fio da memória

As Crianças são cruéis  
Algumas são monstros de rostos pálidos perfeitos  
angelicais ruínas bárbaras de bosquetes encantados por  
duendes e semideuses  
Crescem no movimento dos milhafres imersas no êxtase  
fatídico de palácios submersos  
Aquele isola-se  
Aquele canta  
Aquele outra discursa agonizante  
Estiradas no lamaçal construtoras de mundos de carvão e  
papel fosforescente galgam caminhos eivados de  
tempestades e pedras preciosas em vigília permanente  
Adormecem no pesado sono do infortúnio vagabundeando  
de sonho em sonho e acordam na fraqueza das cidades  
moribundas onde roídas são por vermes lacustres da  
ambição  
Sem remorso sem redenção

Um carro de prata  
No aparador da sala –  
Bastardo da inveja

Os homens  
Maltratam a justiça  
Que a Deus pertence

Maltrapilhos morais  
Dizem-se justos  
Esses ranhosos

E dizem-se sérios  
Miseráveis poderosos

Podres no sangue  
Na carne  
Nos ossos vergados

De sujos corcundas  
Os corruptos

Uma casa branca  
No outeiro

Sempre gostei de casas brancas

Noivas  
Imaculadas

O pastor mirava atônito o cintilar da Estrela da Manhã Os  
chocalhos irrompiam pelo renque de pinheiros  
montanhese vergados à violência das neves invernais no  
esplendor do desassossego íntimo da natureza inóspita  
O céu atraía o movimento violeta dos olhos de prata e das  
brisas de caminhos sem retorno  
Anos de transumância de noites dormidas ao luar que  
nunca foi mais do que luar porque se fosse mais do que  
luar já não seria luar e seria certamente diferente  
História simples da simplicidade agasalhada num capote  
de palha entrançada sem cama sem avidez com sonhos  
de calor mutilados por mãos descobertas orvalhadas  
gélidas Mãos doridas rasgadas por cicatrizes de amor  
olvidado  
À frente um dos cães na vegetação solene e rasteira  
ordenava o rebanho na demanda da erva fresca do  
planalto do Cabo do Mundo Daí poderia cair-se no último  
dos abismos A partir dali o desconhecido sem espectros  
abantesmas ou delírios  
O olhar cessou nesse horizonte infernal e fez-se luz

Orquídeas planavam  
No jardim  
Por entre cedros centenários  
Do longínquo Líbano

Por escadas  
De flores  
Sobem amores



Cantavam aves na mansa fonte imemorial  
Jorravam gotas de água perdida  
Dois corpos bebiam a saliva da vida na jóia da noite  
renascida

Já vivi numa estrela  
Azul

Fazia a travessia do mundo  
Com lenços brancos a acenar

No cais de pedra negra  
Confessor de todos os segredos

Que podemos ter  
Que se podem dizer

Agora  
Vivo  
Numa mansarda  
Verde  
A amadurecer

É íntima  
Esta ânsia  
De amar

Se voltasse a nascer  
Faria tudo o que fiz –  
Que outra coisa saberia eu fazer?

O destino  
O acaso  
O absurdo

A dama sobe  
A escadaria  
Do palácio

Para o encontro  
Golpe fértil  
Atrás de biombo

Um leve gemido  
Nupcial  
Perfumou o ar

Descalça e graciosa  
À beira do ribeiro  
Lava a saia domingueira –  
Há baile no terreiro

As Trindades dobram –  
Ela sofre em silêncio  
A suspeita da traição

Vê  
Um mistério vítreo

O cosmos mudo  
Perante dois amantes

Enlaçados após  
O pôr-do-sol

Por luzeiro o tacto  
Por instinto o olfacto

A pele da pedra  
Inerte

Sorri louca  
Ao grito de guerra

Canta o galo  
Morre o galo

Ao nascer da manhã  
Que fica

Para outros dias  
Para outro amanhã

Que algo de novo venha –  
Uma alma aberta  
Ao Bem que jorra do Céu

Flores amarelas  
Vermelhas  
Azuis cor de mar

Uma rosa  
Um cravo  
Uma tulipa

Um leito florido  
A volúpia de um orgasmo  
A agitar o planalto

Sentado à porta da taberna num enorme copo de vinho  
amadurecido por longos dias de espera deixou cair a  
cabeça nos braços ressequidos  
O vento sulcava-lhe as faces enquanto ouvia o rumor da  
folhagem da dócil tília  
Não havia nele qualquer impulso psíquico para além da  
vontade de beber a vida no escuro néctar avinagrado  
Nem querer nem conhecer nem ser

Como é estranho  
Este vale de flores  
Cercado pela miséria

Como é estranho  
O universo  
Em guerra permanente

Como é estranho  
O absurdo

Como sou absurdo

E estranho

Todos os homens são mortais  
Pó na argila do solo  
queimado  
Que se dane  
Todos o sabem menos os mortos

Nas algibeiras nada tinha  
Não tinha casa família ou bens  
Vivia o ócio da pobreza  
Mesmo assim no cimo do rochedo  
donde se avistavam as  
naus que partiam para o novo mundo  
a angústia do Nada  
por ele clamou

Acreditava-se no acaso  
No desígnio de Deus  
E que tudo é mistério

Era uma aberração  
Estava desviado do seu fim natural

Na multidão multiplicavam-se os bárbaros instintos

Em si e por si é  
Total  
Perfeito  
Acabado

Ilimitado  
Aquele que é  
Foi e será  
Rosamundo

O caracol  
Marca na erva fresca  
O meu caminho

O Outono  
Tem o cheiro  
Da contemplação

O cão negro  
Entrou no ribeiro

Insaciável  
Parecendo querer secar

A corrente  
Enquanto lava as patas

A chuva  
De Primavera  
É sempre bem vinda

O último dia do mundo será um dia de Outono com as  
folhas a cair como lágrimas na terra fértil por arar  
A humanidade irá recolher silenciosamente aos túmulos  
abertos pelo Coveiro do Universo dividida em covais  
cinzentos onde botões de rosa murcham  
Aves elevar-se-ão nos céus e apenas elas habitarão uma  
nova existência de sonho e bondade  
A chuva copiosa ácida nivelará todos os contornos até que  
o fogo sagrado a extinga reduzindo-a às cinzas do  
presente e do passado



Florescem as cerejeiras –  
Nada espero  
Nem cerejas

Flores de ameixeira  
Flores de cerejeira  
Olham na direcção do céu

No chão  
À sua sombra  
Um cão ressona

Para fazer o ninho  
Um pássaro esquadrinha em vão  
A estátua negra

Ó rouxinol  
Para quem cantas tu?

Calaram-se os homens  
Na taberna  
O jogo do truque  
Findou

Também gostaria de interrogar Chia Yi sobre os deuses  
A miséria humana julgo eu conhecê-la

A vida floresce  
Em todo o vale –  
Contudo estou só

Tanta beleza  
E  
Sofrimento

Tanta dor  
E  
Tormento

Que Deus nos perdoe

Não há ninguém  
Que te não ouça cantar  
Rouxinol

Toda aquela beleza  
Reflectida nos teus olhos  
Projectada na minha alma

Trutas imóveis nas pedras soltas do rio transparente  
Outras fogem do pescador de almas em corrida  
ascendente

Mar de chamas  
Em toda a colina –  
Voltou o inferno

Os sons de Primavera  
Espraíam-se ligeiros  
Na água da fonte

Vento surdo  
De fim de Primavera –  
O lavrador alivia a enxada

Partira sem pegadas as estrelas por companheiras à luz  
da vela vermelha  
Não suportava mais a música entristecida dos encontros  
secrets ao arrepio solar  
Um rio eterno de safiras e esmeraldas haveria de existir  
em qualquer lugar As flores da amendoeira da berma  
inóspita eram o seu mais íntimo presságio  
Nunca mais iria voltar

À porta  
Os velhos tamancos

Que mais ninguém irá usar

Os olhos  
Esfarrapados  
Do homem  
Estranho à aldeia  
Apenas pediam  
Humildes  
Alguma compaixão  
Num copo de vinho  
Num naco de pão

Abre-se a porta  
Ao olhar curioso  
Do chapim

Quando chegar o tempo em que não houver ninguém para  
te amar em que nenhuma mensagem percorra  
continentes para te consolar tocarás a flauta no sopro do  
suspiro  
Como te lamento assim envelhecida com a luz do coração  
a extinguir-se Como te lamento

A andorinha alimenta os filhotes –  
Desconfiada  
Espreita-me  
Pelo canto do olho

Dormia à luz da Lua  
Com árvores animais  
E a Alma dolente a seu lado

O portão da quinta-feira  
Há anos não era pintado  
Há anos que ali  
Ninguém entrava

A Tua montanha Senhor é longínqua São tantas as que  
minhas pernas vergadas e trementes descobrem sem que  
a Tua veja resplandecer ao doirado Sol da aurora

Morrerei a caminhar

País de ladrões –  
Por fechadura  
Uma Magnum

Já não escrevo cartas de amor  
Limito-me a remeter pensamentos escritos na nocturna  
solidão do piar daquela ave cujo nome desconheço  
Pensamentos enviados nas asas do vento

O político  
Discursava

O texto era antigo

Tão antigo  
Como a mentira

A mesma frase musical  
Tocada pela flauta de bambu  
Cem ou mais vezes –  
Medito e adormeço

A noite resvala lentamente no quarto opaco O dia levanta-  
se apático estremunhado corroído por débil vontade que o  
espelho deformado do tecto não reflecte  
Mais abaixo os salgueiros bebem a água do ribeiro e o  
vinho aquece ao Sol crescente  
Não vamos Ficamos onde moram os amantes entre  
lençóis de linho aquecidos e sorvemos o gozo que dos  
corpos se extrai

Gente no jardim público –  
Tanto mal  
Tão pouco bem

O menino brinca  
Com a papoila  
Como se brinca com um malmequer



No fim do caminho  
Coberto de neve  
O rio branco do céu

Nona noite Os corpos já se estendiam no tacto subtil do  
final do dia  
Suores fiéis dançavam rodopiantes entre membros  
desnudos como ramos de cipreste vergados ao desejo  
Ouvia-se a sua voz  
O testemunho do acto vibrante

Ao cortar a árvore do jardim  
Cortei as raízes do meu coração

A sombra saudável  
Sentou-se junto

Do corpo decrepito

Tanta conversa fiada  
Tanta coisa por dizer  
Deixem o burro falar  
Que não se consegue conter

O cachorrinho dorme  
Sonha com brincadeiras  
Infundáveis  
As patas deitadas  
Agitam-se  
Correm sem cessar

Rufam tambores  
No meu coração em chama  
Ardente de carne viva

Já não sou senhor de mim

Beijo-a embriagado  
Lado a lado com o jarro  
De vinho adamado

Balboa é a terra à beira do último dos precipícios do universo

Há que saltar para o vazio dando continuidade aos passos inacabados e começar os que nunca foram dados

Balboa é um marco de fogo na escuridão da noite terrífica  
A candeia que ilumina o cego A vara que penetra a fera O medo transmutado em coragem

É a determinação absoluta que afecta a dúvida e a quietude

Balboa é a única acção na senda da vida e da morte

Peregrinos para Fátima –

Quem persegues

Ou contigo o trazes

Ou nunca o hás-de encontrar

O meu peito sangra

Na oração

Suave escada

Descansa no meu coração

Faz em minha alma

A Tua morada

O quarto é assaltado pelo perfume das flores silvestres  
Orvalhadas pela noite de Lua Nova

Perguntas-me solenemente pelo anel de noivado sem que  
te saiba responder  
Digo palavras soltas  
Folhas esvoaçantes de Outono

Mas há o teu cheiro  
O teu corpo  
Os teus aposentos vermelhos  
Teus lábios de framboesa a colher  
Tudo para além das meras palavras  
Para além dum mísero anel de noivado

No infinito  
Num dos seus pontos  
Estás tu  
Esplêndida  
Fonte de luz  
Na noite eterna

Viajante  
Sem norte  
Movendo-se como esmeralda  
Imóvel  
Nesse e em qualquer outro lugar

Centro do infinito  
Eterno retorno

Há vida  
Há terra  
Ar  
Fogo  
E  
Água  
Até que a verdadeira vida  
Nasça nesta ilusão continuada

Chegámos à aldeia  
O sino toca a finados  
A morte voltou

O marido da defunta  
De azul marinho  
E preto  
Tem os olhos inundados  
De resignação

Falámos da existência  
Do sofrimento  
Da melancolia do futuro  
Mergulhados  
Em meditação ocasional  
De quem só pensa no decesso  
Quando acontece

E a nós nos toca  
Pobres mortais

A observação pode parar mas o raciocínio também amigo  
Pessoa que jazes inútil em pó pelos Jerónimos A tua  
observação clarificou-nos como o riacho que corre sereno  
e alegre no vale verde e doirado da existência O teu  
raciocínio limitado como convém a um génio está corroído  
pela traça do tempo enterrado nos gogos e areão do  
fundo com que muitas vezes se amassa e adorna o  
cimento destinado à construção das casas que disformes  
adormecem a beleza das aldeias  
Agradeço-te o sempre-novo e rejeito liminarmente os  
ossos do passado  
Com a devida vénia  
Obviamente

A sombra do sonho  
Era idêntica à sombra da realidade –  
Dois corpos em intenso amplexo

A vida é  
Hoje

Esperança amor  
Um poema  
Fantástico  
Perfumado de jasmim  
Flor da alegria

Amanhã  
Quem sabe  
Poderá ser  
Ou não  
A mais bela  
Flor da dor

Banhado no seu próprio sangue  
Confundia  
A essência e o sentido de tudo  
Com a essência exangue do Nada

Havia morte na cadência dos passos descendentes  
Olhares vagos  
Luzidios  
Tristes  
Indiferentes  
À visão do cemitério  
Penetrado por ciprestes

A terra prateada  
Vestida de mármore  
De granito polido

Resplandecia  
E na morte  
O ar respirava a fé  
Da ressurreição

Pobre gente

Chegaram os primeiros Anjos  
Cedo  
Tão cedo que mais ninguém ocupava o adro naquele dia  
de calor infernal  
A procissão iria começar  
Lenta  
Com o Senhor  
Ajoelhado no andor  
A suar  
Sangue divino

Aquele era um lugar de repouso com pinheiros silvestres  
blocos de granito e algumas lascas de xisto Por vezes o  
céu era mais azul e o poente mais rosado A brisa vinha de  
Oeste e percorria as artérias da Alma fazendo-nos ficar  
simplesmente ficar como crianças pasmadas que brincam  
com as alaúdes ou com as ondas mansas da praia  
esquecida



Um cordeiro imolado  
Berra como pura criança  
Na inocência do mal

Como são longas as noites  
Curtos os dias  
E a velhice inerte

A corola aberta  
A árvore florida  
As vozes frescas das ceifeiras  
No espelho de água lisa

Os sorrisos louros  
Nos rostos avermelhados  
Do sempre-feminino

Ali junto à fonte  
Onde repousa a brisa matinal  
Brinca o mesmo menino  
De sempre

Um odor a lilás  
Percorre  
As narinas putrefactas

Uma ave canta no amanhecer  
Nascido das raízes da velha árvore  
Ressequida e nua

Há cinco Outonos  
Ali fez o pica-pau seu ninho  
Resguardado do vento forte

Dos temporais do Norte  
Das noites frias da floresta  
Chuvosa e uivante

Sem saber  
Que o destino do seu abrigo  
Era o corte impassivo

A manhã estava triste As paredes pintadas dos casebres  
mergulhavam numa melancolia mortal Não se via gente O  
sino tocou e o seu som congelou na copa do carvalho  
prateada como a cabeça do ancião sentado imóvel no  
banco de pedra do adro do deserto

Ó espinheiro  
De branca flor  
Adorna tu a minha sepultura

O olhar macio  
Doce e lacrimoso da noiva  
Deslizava no corpo morto  
Da torre em chamas

Se amanhã não houver nascimentos Se amanhã não  
houver mortes  
O mundo será mais feliz  
Felicidade de um único dia

O amor é  
Doença  
Que nenhuma dor cura

Cai a noite A boda vai findando lentamente sem música  
com a felicidade única do vinho Na rua principal do  
povoado o silêncio O mesmo silêncio gelatinoso e  
sepulcral do campo-santo onde dormem quimeras ósseas  
de vaidade e nobreza sem vintém

Dói-me o corpo quebradiço em arco Não há para onde ir O  
último navio fantasma esgueirou-se há séculos pela fresta  
da porta de castanho cozida pelos anos doridos da guerra  
Nele partiram todos os meus sonhos todas as minhas  
transparências a minha vontade argêntea os meus  
desejos laminados a ouro

Ficou este som de morte preso por um fio de inócua  
aranha a desenhar a flor do mundo

Manhosa

Era o nome da burra  
Que para toda a parte  
Com seu dono ia  
E dizia-se  
Que com ele bebia

Morreu o dono  
Com disenteria  
Ficando a besta entregue  
À viúva do falecido  
Abstémia convicta  
De beatice assumida

Certo dia  
Velha e cansada  
Deixou-se morrer deitada  
E sóbria  
À porta do cemitério  
Onde o dono jazia

Trazia nos olhos  
O brilho  
Do alto mar

Em lume brando  
Consumo este sentimento  
Semelhante ao dos deuses  
Na luz morta do luar

Cinza que escorre na palma da mão  
Do corpo suado por águas escuras  
Onde as vozes naufragam depois do exílio  
Em barcas pelo tempo impelidas  
Para as cidades submersas da solidão

Casamento na aldeia –

Amor prazer e a adolescência a desabrochar  
Embragados de vinho novo

Se todos os livros morressem se cada poema mais não  
fosse do que uma prece  
Tu retornarias dos Céus e descerias da Cruz de todos os  
dias

Ouvia a tua voz  
A respiração doce  
O som do leve sorriso inocente  
A confissão de amor  
De quem nunca mente

Não sabia que ia ficar velho  
Que ia ser amado por quem não amo  
Na Mansão do Mar  
Em que na solidão e no espelho  
Por ti clamo

Tarde demais  
Perdi-te para sempre  
Resta-me o meu corpo

Amo-te nas vagas da distância esmagadas pelos dedos do amor

Um cão danado no meu caminho Espinhos silvestres nos pés sangrantes de viandante

Não me respondes Já não ouço a tua voz

Amo-te e esqueço-te Afinal o esquecimento também é um modo do verbo amar

A aldeia da minha infância

É hoje a mesma aldeia

Com mais algumas *maisons*

Mas já não é a mesma aldeia

Que o meu coração em sonhos chama

Granizo

Na estrada de asfalto

Faz fumegar o calor

Esta noite

Sonhei com a imortalidade

Das almas

Com a estranha inutilidade

Da eternidade  
Exposta à acalmia  
De um mar excelente

Uma coluna de fumo  
Negro passeia-se na Serra  
Do Pisco  
As labaredas lambem  
Crepitantes  
O solo ressequido  
Tal chicote de escravos  
De brasas aceso  
Pedras  
Giestas  
Pinheirais  
Tudo varrido  
Pela boca do inferno  
Num beijo vermelho  
Convexo

Verão –  
Chegam os emigrantes  
Os fogos  
As barrigas grandes



Seria tarde O mar abraçava amorosamente as rochas  
pontagudas como folhas de navalha Um peixe prateado  
saltou sem destino Aerador no esplendor da tarde em flor  
Parecia um sonho transparente de quem cerrava  
lentamente as pálpebras à realidade fechando o livro de  
escuma aberto à sua frente

Anoitece  
A rua está severamente calada

A penumbra de uma árvore  
Estremece a calçada de cujo  
Ventre nascem pequenas flores  
E ervas de dias contados

Serão calcadas  
Ao amanhecer  
Pelos viajantes da alba  
Que habitam as veias rurais  
Da aldeia onde  
A Primavera palpável  
Há muito atravessou  
O ocaso

A harpa do dia  
Escureceu  
À passagem da nuvem negra

O medo afastara-o das correntes traiçoeiras do Golfo  
Navegava num mar interior sem princípio nem fim As  
gargalhadas do mundo não o interessavam Ele era o seu  
próprio alimento

Naquela casa  
Tudo o que entrava e saía  
Era ou compadre ou comadre

Dito com voz melada  
A modos que arrastada  
Ó compadre  
Diga comadre  
Ó comadre  
Tenha a bondade compadre

Tanto compadrio  
Tanta melodia sem harmonia

Que enfado

A areia ardia ao sol

O jovem animal  
Corria  
Voando dentro  
Da visão da tamareira

Já não tinha amigos Desapareceram com a lúgubre  
canção das flores do coval  
Restava-lhe a cama de ferro do quarto vazio da choupana  
e uma vela azul

Conheci-o descalço  
Na praia  
Em Verões e Invernos

A mesma camisa  
Aos quadrados  
Com mil e um rasgões

Dormia ao luar  
Num batel azul  
Morto na areal

Pouco comia  
Habitudara-se a um caldo  
Frio uma vez ao dia

Dizia sonhar  
Com florestas de velas  
Longínquas

Infinitas  
Como o mar

Olho para as gentes dos casais em ajuntamento de festa  
ruidosa Copos cheios copos vazios de mil enganos A  
mesma parvoeira de todos os anos enxutos  
Não há espelho em que se enxerguem na máscara  
estridente da chacota  
Vão e voltam no tormento e na alegria dos ais da romaria  
onde a consternação é trocada por vinho avinagrado  
Nos pratos pintados fragmentos de frango assado  
Nos copos com sarro restos de vinho descuidados  
Dançam ridentes os aleijados Mancos marrecos  
desconjuntados  
Já são pó  
Terra negra  
Lodo  
Excremento  
Terracota  
O funesto rosto da mentira  
Envenenada  
Como carta de amor por saltimbancos declamada  
Por Deus tantos aldrabões enrodilhadores vigaristas-cata-  
vento ali estão suados como negros escravos ao Sol  
Sinto inveja Sim uma inveja ressequida e corrosiva do Ali-  
Bábá que só com quarenta ladrões lidou  
E não com milhões

A Lua desaparece

Lentamente no rio  
Que a amansa e afaga

Vivem  
Nos sentidos  
Coloridos  
Por mágoas  
Clandestinas

Um oceano  
De sensações  
E projectos não palpáveis  
Cativam  
Os seios  
Cheios  
De cachopas  
Seborreicas  
Da avenida cinzenta

No jardim  
Arredio  
De amianto  
Enfloram  
As sombras  
Da virgindade  
Amortalhada

Alguém canta  
Fado  
Corrido  
Desgraçado  
Alguém joga  
Meia dúzia  
De tostões  
Uivantes

Ao infortúnio

Ah a felicidade  
Nunca descoberta  
Nunca perdida

Trazia as rosas  
Na mão deformada  
Ela  
A mais bela  
De todas as rosas  
De todos os roseirais

Na montanha  
A Primavera perfumada  
Rodeada de discípulos

A solidão  
A dois  
É o pior desterro

Vergonha azul  
Ultramarino  
País de marinheiros  
Com sal  
Nas golas e  
Nas solas

Anda tudo a roubar  
A navegar a fome do dinheiro

Vergonha verde  
Esmeralda  
Não haver já  
Gente do mar

Quando eu morrer  
Canta tu  
Cigarra  
Na pedra da minha campa  
Rasa e calada

Ó Ana vem ver  
Vem ver o vazio do oceano

Cuspo desliza lentamente nas mãos deformadas da cidade  
plantada à beira-rio em terra de Sol desbotado

Tudo murchou  
Nas ruelas  
Becos  
Travessas e  
Vielas  
Onde  
Há de tudo  
Menos  
O que se quer  
Ou se cata  
Nas algibeiras  
Octogenárias  
Da virtude vaginal

Com medo do desejo  
E medo do medo  
Sendo curta a vida  
É apertada a esperança

As mulheres desfilam nos desejos recalcados sujos de  
impureza palpável das poluições nocturnas do último  
eléctrico para a Baixa inundado de esperma viperino  
A câmara dos comuns espuma pelas ventanas opacas o  
misterioso anestésico da abjecção esventrada



Subo  
A rua do Alecrim

Alvorece  
A calçada adelgada  
Nos cartões  
Encapelados  
Em pobres-diabos

Diz-me sussurrante  
Bom dia

Mar alto  
Arte de navegação  
Solidão

O corpo inclinou-se junto ao altar dos sacrifícios A luz do  
ensinamento penetrava na pele porosa e crespa alheia à  
palavra e aos ditames da razão  
Nunca mais seria o mesmo  
O coração transfigurou-se  
Os sentidos penetravam a essência das coisas mortas  
naquele movimento incessante da Lua que rasgava

lentamente o véu do templo iluminando o fio de poeira  
suspensa

Ele ali estava como também no odor húmido do vale e  
para lá de todas as montanhas purpurinas

Nascera humano

Nascera homem na casta mais elevada

Em lençóis de linho ornados por rubis esmeraldas e folhas  
de oiro escondidas no mais profundo dos porões das naus

Seguiu a religião de seus avós compreendendo sem  
entender as escrituras sagradas e em tenra idade acedeu  
ao Eu e ao Não-Eu

De si para si atingiu o seu próprio Si identificando-se com  
o Sempre-Eterno

Libertara-se Tornara-se independente

Onde estavam os dois?

Não havia dois mas Um

Quantas folhas derramaram o seu sangue no solo ferido  
pela ave do tempo até que o atingisse? Ninguém o sabe  
ou saberá Nem mesmo o Um sem tempo e medida

Muitos foram os dolorosos nascimentos muitas as agonias  
da morte muitos os espinhos da vida gravados na trave  
mestra da Casa das Histórias

Agora restava a luz do meio-dia sem sombras

Sentara-se numa pedra de granito fosco aquecido pelo sol  
ardente do pensamento

A mente divagava pelos corpos macios e expostos na  
colina

A carne ansiava pelas sedas a esvoaçar no Oriente  
lânguido efervescente e pelos palácios suspensos de fino  
mármore

Os prazeres do leite derramado em coxas vivas e do  
néctar sulfuroso das taças sem fim esmagavam cruéis  
toda a ânsia de libertação no sentido da existência

Tarde o compreendeu

Cometia um crime contra si mesmo Era a sua perda e  
destruição

O mais calamitoso dos delitos

Em vão citavam as escrituras que diziam sagradas Tão  
sagradas julgo como os projectos góticos e modernistas  
das pedras aguçadas por ponteiro retorcido ao vento do  
Sul

Ofereceram como sacrifício um cordeiro inocente Do seu  
sofrimento escorria vagarosamente sangue negro

Cumpriam escrupulosamente os ritos das basílicas como  
quem quer contar todos os pombos da cidade suja

Adoraram deuses esculpidos pela imaginação delirante  
dos profetas em noite de embriaguez inundada pela luz  
ténue dos archotes das janelas adormecidas

Nenhum atingiu a libertação nem a iria atingir mesmo que  
vivesse cem vidas de Brama

Fim de tarde

Encheu um saco de moedas de oiro ganhas nas travessias  
do deserto de sal que lhe corria nas veias aquáticas e  
lacrimejantes

Espalhou-as como pétalas aos pés do Sumo Sacerdote  
Falsa promessa escrita com perfídia na poeira do céu  
luminoso A bula encomendada nunca o salvaria  
A libertação não tem preço  
Nem qualquer acto astuciosamente construído sobre  
alicerces de efémera compensação  
Continuaria a nascer de mulher  
A sofrer interminavelmente  
Até que a ausência do desejo dulcificasse os seus sentidos  
na Rosa dos Dias

Aquele que mergulhou o espírito no lago do conhecimento  
e que percorre a vereda luminosa da realização  
Renunciando ao fruto de todas as acções  
Entende que só o pedaço de corda visível ao crepúsculo é  
real  
E irreal a serpente venenosa gerada por imaginação febril  
Nem as águas sagradas e envenenadas do Ganges  
Nem esmolas  
Nem prânâyamas  
Nem as acções ainda que incontáveis como todos os grãos  
de areia de todos os desertos da terra  
O conduzirão à presença de Brama  
Apenas a discriminação entre o Real e o irreal  
O desejo de libertação  
A morte do passado e vivência do eterno-agora  
Permitem que a escravidão seja reduzida a cinzas

Ele é a única Realidade –

Ilusório o Universo  
Real o Si

O vento ruge nos pinheiros anões  
Sibilante na urze rasteira  
O rebanho junta-se a Poente da Casa da Floresta  
Um cão encrespado fareja a rajada solitária  
O Tecto do Mundo enegrece súbito  
Grossas gotas de água tombam das encostas do céu  
A chuva aumenta enchendo de água as depressões dos  
carreiros desertos  
O Pastor abriga-se cobrindo-se de telhas partidas pelo  
gelo e murmura em esquiva linguagem o desconforto da  
humidade

Calor tórrido  
De Verão –  
A oliveira sufoca ao Sol

A colina pintada de bafo quente amorna o casario branco  
irremediavelmente disperso  
Não há vivalma nas ruas apertadas por pedras de granito  
cinzelado

A pequena taberna desbotada por estores amarelecidos  
agita-se num único movimento do tasqueiro no tamborilar  
dos dedos Balcão sujo de preguiça  
Sem freguês a coisa manqueja  
Tonéis cheios  
Cubas turvas  
Vasilhame empoeirado  
No ócio da crise  
O Taberneiro dormita no regaço da aldeia

Estamos  
Constantemente  
A enterrar  
Os nossos  
Mortos –  
Gente  
Sobre  
Gente

Implacável  
O Sol  
Queima as telhas  
Uma a uma

Abrasa  
O perfume  
Dos lírios  
Ao meio-dia

Dá cor  
Ao corpo  
Nu  
Perfeito  
Junto à sebe

Um rumor longínquo  
Brilha nas jóias espalhadas das sedas do Oriente  
Um fantasma arcaico mergulha no mar da janela da ponta  
Leste  
Pousando em cada uma das árvores de cristal plantadas  
nas asas das borboletas de jade  
No leito arrastado pelo soalho o coração alegra-se em  
duradouro êxtase  
E a noite Oceano de Luz não findará jamais

Noite entrada  
A vela chora grossas  
Lágrimas rosa

Milho seco entre canaviais  
Cavalos esqueléticos pastam restos de Verão

À beira do rio águas paradas de verde-sujo alimentam  
árvores sobrepostas em crescimento selvagem  
Um imenso silvado invade uma courela  
Uma casa destelhada é o centro dos escombros  
A mão pérfida do homem ceifou a beleza espontânea da  
paisagem

Um Poeta à chuva  
Exilado na solidão  
Da Montanha Branca

A chuva de Verão  
Cai na terra seca  
Gretada –  
Alagado  
O lavrador dança  
Tendo por par  
A enxada

Tinha sido bela  
Jovem  
Soberba



Desejada  
Agora velha  
Descuidada  
Sem graça  
Ninguém a amava

O cãozinho dança  
De patas no ar –  
Pede-me uma carícia

A nortada sopra  
Nas palmeiras  
Que se agitam furiosas

Naquele tempo  
Havia o café da praça  
Aí se juntavam os pensadores e poetas da vila ribeirinha  
Discutia-se o universo na cabeça de um alfinete  
Um universo espantoso a esgueirar-se colossal para a  
cabeça do pequeno alfinete de costura  
Um universo infinito a nascer desse ponto minúsculo já  
infinito

Fantasma quente dos tempos que não nasceram com o  
*big bang*

Tinham existido tantas explosões quantas o infinito e a  
eternidade comportam

O mundo era a bola da Eterna-Criança a rolar alegre  
vistosa colorida em todo-o-sempre

Os filósofos serenos com as mãos pensativas nos dedos  
expressivos do rosto

Os poetas escreveram um hino à Eternidade e ao Infinito

Um hino que ninguém entendeu nem mesmo eles poetas

Hoje já não existe o Café da Praça

Há a solidão da minha casa e das deambulações poéticas  
e metafísicas sem combate

Barcos

Em doca seca –

Marinheiros de domingo

Se não convém o que digo

Se sou tido por louco

Se as minhas palavras são vento

Para ouvidos moucos

Se os meus actos alvo de chacota

Que me importa

Se ninguém me escuta

Se ninguém me bate à porta

Três pinheiros mansos  
Aguardam solícitos  
A minha chegada

Choro e riso  
Na casa do lado

Vinho e dor  
Na mesa de azinho

Até quando perdurará  
A ilusão das túlipas tardias?

Prédio inclinado com antenas  
Sobre o Rio Tejo –  
Recusa-se a saltar

Era uma vez  
(todas as histórias começam assim)

Um senhor conde  
De fraca valia  
Com searas  
De aveia  
E cevada  
Com rendeiros  
De fome apertada  
À noite comia  
Cercado de prodígios  
Pratos de carneiro  
Bebia vinho de maçã  
Com as criadas dormia  
Fossando até de manhã  
Certo dia  
No alpendre de bronze  
Estourou  
Banhado de sangue  
E para o Inferno  
Nada levou  
Para além da merda  
Que na agonia cagou

O moço era da aldeia  
O mais escoreito

Montava com brio garboso cavalo ruço  
Em trote grácil e perfeito

Paixão de virgens  
Viúvas e casadas

Ruas ruelas becos e vielas percorria  
À caça do fruto proibido mais desejado

E aí se dizia

Que pela calada da noite

Quando tudo dormia  
Era pai de toda a bastardia

Áridos campos  
Vazios

Farrapos velhos  
Imundos

Casas entre ervas  
E silvados

Abrigo de antigos soldados  
Espectros de paz suspensa

Na Normandia

Uma espada flamante no bosque bordejado por trilhos  
insondáveis fascínio de encantamentos O Outono é a  
Estação por excelência e mérito conveniente à dormência  
no sossego das folhas cor de fogo  
O aroma a sangue dos castanheiros abatia-se sobre o  
ribeiro das primeiras águas mornas No ardil das  
lamentações a arca fechada Adversidade de dama casada  
com marido distante enfadava

Mareava incerto em mares dessabidos e em terra deixara  
quem augurava bem entesourada Forte como rochedo  
Convicto como um deus em panteão fervente  
Dobram trindades pelos seus taciturnos pecados  
guardados a sete chaves de prata  
Pão que comeu pelo Diabo amassado

As sementes germinaram nos passos caprichosos dos  
peregrinos A vigília de amanhã arrastaria parte da  
multidão para a Glória  
Para o âmago do pélago  
Porque a magnificência do primeiro e do último dia é  
como cirro no céu bondoso sorriso de velha além-túmulo  
com uma garrafa de água bem-aventurada na mão  
Não  
O Pai de todas as Vinhas demora nos cachos dos teus  
cabelos ondulados de salgueiro  
Entregue à Esperança suaste neve de Verão  
Sim  
Luz da manhã límpida no burel de morte que a vida  
enternece sugada ao teu Amor  
Céu Terra e Mar num enleio divino de hora ditosa  
Seres sagrados  
Nenúfar do Lago do Meio  
Pássaro-paixão  
Guerreiros sentados  
Não tenho outros amigos senão vós

No princípio sobreveio violenta tempestade

O Corvo protestou  
O sexo feminino foi esculpido num pedaço de terra regado  
com granito a esvoaçar nas Ilhas Desertas  
Filha de Homem cedo descobriu o segredo da Grande  
Serpente  
Caprichoso refugiou-se nas grutas de chamas sem fumo  
no céu enegrecido O resto do planeta não era corpóreo A  
carne da Terra nos ossos rochosos com o sangue a  
escorrer nas mais perfeitas gotas de orvalho envolveu-se  
com os Sete Elementos da cidade banhada por  
esmeraldas pássaros de fogo  
Aprendeu a pronunciar o Nome a dar as boas-vindas na  
nudez revelada entre os dedos estanhados Com os braços  
abertos à Divina Ausência de altiva beleza escutou os  
auspícios ao despontar do Sol faminto nas asas da Fénix  
Guerra  
Estupro  
Morte  
Como haveria de cantar a sua Ternura? Como dizer que  
da porta de sua boca arroxeadada apenas exalaria Verdade?  
Que a sua Alma seria o cofre-forte de todos os Segredos?  
Não voltaria a casa com o coração destroçado Pousaria no  
ramo da Pomba Azul a contar horas de Sol na claridade da  
noite  
Sorrindo

Se parto ou não não o sei  
A distância é a do biombo que nos separa  
Da cinza do pavio aceso na escuridão de suaves tecidos  
púrpura  
A fremência do corpo em desesperança  
A cama rubra deserta  
Beijam-se as folhas de lótus  
As nossas sombras sentam-se na colcha branca bordada  
pelo luar

Arrastando os ponteiros da volúpia na eternidade do  
encontro  
Das nossas vestes suadas

O orvalho poisa nas pétalas  
O rio é inundado por bolhas de chuva quente  
Pérolas da madrugada grisalha  
Uma truta acorda  
Volteia  
Esgueira-se na corrente das doces águas  
Os insectos acordam curiosos  
Rodeiam tudo o que é movente  
Olho-te a meu lado  
Corpo alado e sereno  
Juntemos os nossos corações  
De novo nesta manhã  
Faremos florescer a orquídea selvagem

Pele negra  
Brilhante  
De africano odor  
Na boca sedente  
Onde se escreve  
A palavra Amor



Foram muitos os teus amantes  
Muitos invadiram os lençóis rendados do nobre dossel  
Mas quantos te serviram em bandeja dourada o puro  
néctar do amor  
O êxtase de uma noite acordada à Lua?  
Hoje nas montanhas distantes recordo o tempo pacífico  
em que as pétalas caídas no teu leito nos envolviam em  
afagos esplêndidos e as súbitas descargas de vento  
faziam deslizar o sexo arvorado  
Livre de todas as aflições mundanas

Teu olhar cai sobre mim como aguaceiro de Verão  
Tem o cheiro de flores campestres aconchegadas à sebe  
descuidada  
Duma terra distante onde não há geada nos vales  
Encontro de breves lúzios à luz do círio congelado  
Sem significado

O mundo está prestes a terminar para ti  
A cada dia cada sentido mergulha na escuridão  
O Inverno estremece o corpo frágil que nenhuma brasa  
aquece  
Nada há que não finde  
Nada  
Há excepção do Espírito do teu Amor

Dias de espera  
Sem hora marcada

Bastaria ouvi-la  
A Ela  
A desejada

Partira no último raio de Primavera  
Deixando no seu lugar a penumbra do crepúsculo  
devoluto  
Na janela emoldurados os montes violáceos  
A porta entreaberta aguardava o impensado  
Corpo distante rosado de noites sem sono  
Com a brisa do mar a acariciar a túnica de seda escarlate  
moldada ao desejo  
A desfilar no sonho Canção de Amor

Chegou tarde  
O corpo aguardava tenso  
Corda retesada de lira no vértice do movimento

Com os seus ramos abertos fecharam-se as cortinas  
À luz das velas a nudez era mais nua e

Penetrava o tempo pacífico da alma no lamento de longa  
ausência

A carne penetrante suava perfumes estrangeiros  
Que choviam no interior dos corações inflamados  
Banho de amor na Praia da Noite  
Partilhado pelo desejo sem muralha  
Na concórdia volátil do prazer

Na mesma cama  
Olhámo-nos e adormecemos –  
Nem sempre o Amor exige um corpo

Não me deixes nunca  
Disseste  
Vem comigo  
Para um país sem gente

De mel vinho e leite  
Onde o veado brama  
O grou grita  
E o leito faremos

De macias ervas e fetos  
Como a neve de Inverno  
A deslizar no colmo das choupanas

Vem comigo  
Penetra-me para sempre

## Amor Amante Amigo

Tinha algo para te dizer  
Não o disse  
Não te contei a minha orgíaca aventura  
De corpo fatigado  
Nascido na Flor do Mar

O Outono sossegado  
Dir-te-á na paz  
Dos ramos molhados  
Que os dias contados  
Não poupam os males de minha Alma  
Pela saudade moldados

Este pássaro nocturno  
Cego e perdido  
Enamorou-se da estátua –  
Amor perfeito

Tenho um minuto para te dar  
Neste Amor ardente

O passado  
Ave migratória  
Cega e insolente  
Até da memória ausente  
Feneceu

O futuro  
Como as lágrimas salgadas  
É pena que te dou  
Áspera e cruel  
Em vida escassa e incerta

Resta este minuto  
Em que se te não vejo tremo  
Se te vejo temo  
Se não te possuo para que vivo?

Sobeja este minuto Eterno  
Consente-o

Os passos da mais bela de todas as mulheres A doçura da  
voz Brilho dos seios hirtos Pescoço perfeito de beijos  
vorazes Anca modelar pernas altivas Sexo doirado  
Mil beijos e uma única noite te peço

O poço negro  
Cavado pelos escravos de nobres senhores  
Preferido entre todos  
Por cachos de suicidas amorosos

Nutre a figueira de frutos luzidios  
Na última erecção dos Enforcados

À sua cautela  
Pobres donzelas  
Escudeiros de membros frágeis  
Exalando o espírito de sólido reino  
Em corações pela força trocados

Extasiada a deusa  
Pelo jovem que a busca  
Atento caçador na profunda brenha  
Que de Amor morre  
De Amor mata

Brame mar  
Tu que arrastas as folhas soltas  
Nas marés vivas da morte

Ruge mar  
Às doces estrelas  
Da madrugada silente

Esbraceja  
Ensanguentado  
Ao piedoso Céu

À vida que ceifaste  
Pela chama de tuas mãos  
No corpo que amava

Posso amar-te  
Mas perdoar-te não

Na ponte de aço uma jovem  
Em tempo de trevo florido  
A Alma trespassada  
Por Amor alvejada

A água negra do desamparo  
Nos olhos ternos de orvalho  
Diz-lhe  
Vem  
Serei o que te desabrigou  
O teu eterno Amado

Não encontrei palavras para a tua Beleza  
O nenúfar brilhava ofuscante  
No puro vinho voavam os Espíritos do Gáudio  
Madressilva ornava as janelas  
Vieram grous e cisnes  
Das urzes florescia perdizes  
A noite cantava com a chuva cristalina  
À terra encantada sem nevoeiro  
E à Lua camuflada  
O mar sulcado por barcos doirados  
Mas  
Não encontrei Beleza como a tua

Fitzgerald escreveu  
Malditos sejam os que dizem mal das mulheres Que não  
matam não traem não odeiam são fiéis escravas de seus  
amores e mães de todos os homens Malditos sejam  
Esqueceu o Conde a mulher  
Que no coração  
Dois chifres lhe meteu

Pele macia  
Que minha mão toca  
E meu coração esfria

O Segredo  
Do nosso amor  
Guardo  
Do modo que desejas

Mas como quem ama  
Não cala  
Ao mundo confesso  
Que em segredo amo



Como eram graciosos e brandos os teus gestos Melodiosa  
a tua voz As tuas palavras lírios Os olhos negros macios  
Fui eu quem em sangue vivo de Amor te desvirginei O  
primeiro corpo fervente que amaste nos dedos longos da  
descoberta  
Onde estás Alma Deserta?

Suspeito  
E não sei  
Se esse teu olhar  
É de amor  
Ou traição

O corpo dela  
Branco e sereno  
De marfim  
Jaz em profunda sepultura

A seu lado  
Sentado na pedra fria  
Em magoado apertamento  
Aguardo o fim do Tempo

Não sei com quem  
Te deitas

Pouco me importa  
Com quem dormes

Não sei como te sentes  
Nem se me mentes

Se em segredo tens prazer  
Ou dor e tristeza

Se a visível pureza  
É meramente aparente

E a tua leveza  
É pecado indiferente

De quem ama gente  
Sem gente escolher

Não sei  
Não quero saber

Quero-te por uma noite  
Desnuda  
Plácida servil amorosa

Por uma noite somente

Os teus olhos ferem  
Verdes implacáveis serenos  
E quando mentem matam  
O coração azul despedaçado  
Pelo verde-traição

A quem ama  
Mariana  
Ninguém o sabe

Amante de amor  
Não encontra

Não fora ela assim  
Esquiva  
Altiva  
Oscilante  
A mim me teria para sempre

Foram tantos os anos  
Que juntos passámos  
São tão poucas as lembranças  
Do amor que o não era

Pergunto-me hoje  
Nesta manhã cinzenta  
Em que nada sinto ou lembro  
Se o que dói é ausência  
Ou tempo em vão desperdiçado

Rosto suave de avelã  
Corpo a lavar no rio  
Doçura da água corrente  
Voz do Amor ausente  
Na lã velha  
Mil vezes à mão esfregada  
Nos gestos brandos  
De quem por ser pobre  
Não sabe que é amada

Levou-ma  
O Fado cruel  
Fria  
Em mármore  
Deitada

Sem Ela  
Já eu não sou

Desventurado corpo  
Sem vida  
Sem mácula  
Sem sangue  
Coração parado

Em pano  
De fino linho  
Levou-me  
A Alma

A dela  
No meu peito  
Dorido

Para sempre repousa

Já não sou eu  
A minha alma perdi  
A dela tenho  
Já eu não sou  
Sou Ela

A neve caía  
Aves brancas no Céu nascidas  
O desejo ardia  
Nos corpos nus

Que o gelo derretia  
Se os olhos nada valem  
Aqueles olhos  
Ora verdes ora azuis

No meio da terra nevada  
Eram espelho do coração selvagem  
Do juramento da amada

Que se jura mente  
Amor despido  
Em alma cansada

Se o teu amor é perfeito  
E a ele me sujeito  
Perco-me e sofro

Porque de todos sou  
O mais imperfeito

Na escolha  
Em curta vida  
E longa esperança  
Enquanto busca

O amor que lhe apetece  
Adoece a alma  
Que não encontra o que deseja  
E se aqui o amor teme

Ali espera o que a mata  
Mais lhe valera  
De tão cansada

Amar o que se lhe apressa  
E entre verdes e macias ervas  
Se lhe oferece

Desces  
Ora desdenhosa ora lassa  
Em imodesto bamboleio  
Corpo voluptuoso  
Perfeito  
A despertar anseio  
Nos olhos vibrantes da praça

Vaidosa  
Soberba  
Orgulhosa

Os seios quase descobertos  
Oscilam  
Como membros erécteis

Corpo apetecido  
Que nunca será  
Verdadeiramente amado  
Antes usado  
Como um qualquer objecto

Quem amar quer  
Nada mais poderá querer

Se o Amor não prende quem quer  
Mas a quem se deixa prender  
Que tudo morra em mim  
Menos o meu querer

As estrelas apagaram-se  
O Sol inunda as rosas desfolhadas Os homens levantam-  
se arrastam-se na estrada vazia e suja tais vermes  
torturados pelo peso das nuvens a enegrecer  
Dor sem sonho  
Dor sem amor  
Pergunto-me sonolento

De que lhes serve viver?

Como sorriem teus passos nas escadas de mármore  
Carrara do Palácio do Diamante  
À porta aguardo que me digas como é divino o nosso  
Amor  
Deus o sabe  
Deus o criou  
Pelos carreiros luzentes do mundo caminham estrelas de  
puro cristal dando-se as mãos  
(as estrelas também se amam)  
O frémito de nossos corpos indemnes silenciou o Universo  
Que sua Alma às nossas acasalou  
Deus o previu  
Deus nos uniu

As minhas mãos procuram-te  
Macia pele de meus beijos alienados

Nunca te esqueci

Nem o louco desejo  
Olvido por pouco que seja

E se em ti  
A saudade é dor

Lamento-te sem panaceia  
Ave de amor magoada



Lírio a murchar  
Aos pés do Calvário  
Vida do amar alheia

Lastimo  
O mal que te fiz

Construíra castelos em ruas ermas Torres nos atalhos  
Ermidas nos outeiros  
Com a alma em cinza  
Dolente pela atroz ausência  
Da para sempre Bem-amada  
De olhar enlouquecido percorria as veredas melancólicas  
da saudade mortal  
Procurara-a nas areias doiradas de inóspitos desertos nos  
jardins em flor nas florestas virgens nunca antes por  
humanos visitadas mosteiros e conventos  
Ela o fulgor da aurora deixara no infinito a sua sombra a  
benção de seu perfume na morte penitente do riso  
Ele ficara na penumbra do perfil altaneiro a gelar a  
imagem do sonho desfeito  
Apoiado na Cruz da Agonia

Queima os meus versos  
Não os leias mais  
Que versos são palavras  
E as palavras demais

As palavras mentem

Dizem querer o que não querem  
Os versos enganam  
Dizem amar o que não amam

Fixa o meu olhar  
Espelhado a lágrimas  
Vê como fala verdade

Nele não há falsidade  
Erro engano maldade  
Porque os olhos raramente enganam  
E se mentem não olham

Noite pálida de Outono  
No meu peito o teu coração repousa ao luar  
Passos de Deus a caminhar  
Por campos lavrados

Ponho-me a cismar  
Enquanto teus lábios observo  
Quantos homens não beijarei  
Quando a ti te beijar

E penso  
Poisando de leve minha mão  
Nos teus olhos adormecidos  
Que de Alma tão casta

Apenas brota pureza  
E só pode ser falta ou pecado  
O ciúme que sinto  
Do teu prazer passado

Não sei de quem sou  
Se sou de Alguém ou  
Se de ninguém sou

Fez-me o Destino errante  
Viajante de vastos amores  
De chama viva  
Em alma ardente

Moro no meu coração  
Na verdade e em quem mente  
Com o amor a caber na palma de uma mão

E se não sou de ninguém  
Com alma tamanha  
Sou certamente de toda a gente

Gosto da neve que cai a agasalhar suavemente as  
vidraças do quarto quente  
Do teu corpo desnudo nos meus braços de Esperança  
Que cinges com esses dedos delicados  
Doces e magoados

Juntos bebemos a nostalgia do Céu  
As ondas vencidas pela amurada inerte  
O beijo-mel dos astros radiantes  
Nos lábios extáticos em cruz

Gosto do teu coração a palpitar  
Da tua Alma  
Luz de calma lagoa

Gosto e gostarei  
Do redondo de teus gentis seios  
Pousados no meu peito amado

Um Livro de Amor  
Aberto no aroma  
Das tuas mãos de marfim

Li-o alto em mim  
Em horas de ardente febre  
Passos dados no destino errante

Li-o em ti  
Virgem doirada  
Que na amargura  
O Amor vespéral inflama

E se nas mesmas palavras  
Não estão os mesmos corpos  
Decerto está idêntico destino

De madrugada sonhei  
Com a tua pele  
Macia de menina  
Com a tua face cinzelada  
E cintura fina

Mãos frágeis  
Boca de mil beijos

Apaixonada  
No leito de alabastro  
Pelo Amor lavrada

Sonhei  
E ao acordar  
Vi-te deitada  
A meu lado

E vendo  
Que ainda sonhava  
Por te tentar acarinhar  
Não te encontrando  
A tua falta chorei

Esperei no mundo ver-te  
Sulquei mares  
Cavalguei continentes  
Terras estranhas  
Estranhas gentes

Pensei ver-te  
Mas não  
Tu foste sonho  
Foste miragem  
Névoa a esfumar-se  
Na ilusão  
De brumoso horizonte

Continuo a procurar-te  
Ora doce e esperançoso  
Ora amargoso e duro  
Sabendo que não irei achar  
A que à luz do mundo me trouxe

Quero uma Torre  
Altaneira  
De grandes pedras armada  
Com janelas  
Para o céu viradas  
Onde só entre  
Quem sentir e conhecer  
A palavra Dor  
E também  
A emoção do Amor  
E se não houver quem as sinta  
Quem delas nada souber  
Que então  
Não entre ninguém

Envelheço  
E à noite  
Sinto saudades  
Estupidamente  
Da mocidade  
Dos amores juvenis  
Impulsivas paixões

Triste  
Penso  
Que se voltasse a amar  
Uma boca rosa e breve  
Com milhões de beijos  
Hoje a teria ainda

Porque a boca de uma mulher  
Nunca deixa de ser linda

Eu quero amar  
Amar suavemente  
O Amor amar  
Amar sempre

Com todo o meu Ser  
Penetrar a tua carne  
Chama viva da Alma  
E ter-te e ter  
O teu corpo perfeito  
Nesta tarde calma  
Neste Amor eleito

Bebamos a Vida  
Em cálice doirado  
A tua boca de canto  
No canto da minha boca  
Nossas bocas rubras  
Juntas  
Delícia e encanto  
De vozes surdas

A Lua cintilou durante o dia exausto esmaltando o rosto  
da muralha disfarçada de musgo verde-ácido  
A maciez do ar propagava-se nos túneis submersos de  
monstros e dragões povoados Ali o capim era mais alto  
ocultando as ameixas serôdias que ao acaso cobriam as  
nuvens subterrâneas perfumadas de jasmim  
Caem ameixas  
No cesto rombo do veneno  
O Inimigo de Satanás aliado penetrou oculto na Casa da  
Ecuridão onde cada pássaro noturno encarnava a Paixão  
segundo o jade polido do ventre baixo das moças em flor  
Em dó menor

Auschwitz Hiroshima Nagasaki –  
No espelho circular  
A imagem verdadeira da natureza humana

Apego  
Aversão  
Dualidade e conflito

Se o pensamento morrer  
Há Vida  
Se o pensamento viver  
Há morte

Quem é não tem



Quem tem não é

Uma barca vermelha  
No Golfo quente  
Espalha flores de primavera  
Por todos os que na profundidade  
Em descanso sepultados  
Têm seus nomes silenciosos  
Em algas gravados

Tanto tempo a procurar Deus  
Busca sem fim na vereda vazia

Afinal  
Teresa  
Em Ávila  
Estava certa

Deus  
Nas panelas da cozinha

O corpo embrulhara-se nas ondas da costa donde se  
avistava uma casca de noz Havia mais banhistas praieiros

do bronze da aparência Uma velha muito velha enrugada  
como ensombro ancestral toda vestida com chapéu de aço  
e aspeito de quem está prestes a afogar-se nas areias  
letíferas da arriba ouvia em rádio de mão o enredo de seu  
sonho asfixiado em alheia novela

Num salto ergue-se um corpo majestoso como esmeralda  
encastrada em rubi a vagar no espaço Seios descobertos  
com gotas cristalinas Ventre arredondado como arvoredado  
cuidado Cabelos ondedados à forma do prazer ajustados  
O sorriso aberto de quem sabe despertar o anelo

A liana abraça  
A árvore centenária –  
Um braço seco chora

Os homens caminhavam pesadamente para os campos  
descarnados Do nascer ao pôr-do-sol erguiam pesadas  
enxadas sulcando a terra mãe impiedosamente  
Chegada a noite adormeciam aconchegados por um caldo  
quente  
Tudo conformado ao poder e força dos braços tisonados  
Até a miserável refeição  
Na televisão ainda a preto e branco intrigas e ardis  
políticos Mentiras e jogos de poder Justificação deplorável  
da fome do cavador  
E eles não querem saber Dói-lhes o corpo  
Apenas adormecer Com a fome de hoje  
Amanhã se verá  
O que tiver de ser será

A serpente deixa a pele  
No carreiro pedregoso  
Carregando consigo o pecado original

Céu e Terra –  
A Terra aqui defronte  
Seca transparente  
Ilha límpida do Universo  
E o Céu  
Lágrima de selvagem fogo  
Diamante  
Dentro de mim

Sim àquilo que é –  
Seja feita a Tua vontade  
Seja mal ou bem  
Nem contra nem a favor  
Venha o que vier  
O que for  
E o Reino dos Céus  
Espaço infinito  
Nascerá em ti

Imenso oceano de Amor  
Na saúde da Alma

O Vazio é a forma  
A forma o Vazio

Não há contradição ou conflito  
Na sensação do Eterno

Quem quiser caminhar na Via  
Não esteja nem a favor  
Nem contra ela

E quem no seu trilho alguém me vir  
Que diga –  
Como vai bem nela  
Que Ela parece ele  
E ele se parece com Ela

Tinha  
Como doença  
Da alma  
O apetite

E do corpo  
Alquebrado  
E frio  
O fastio

Olha para a aparência  
Das coisas em mutação  
E pacificado  
Penetra a sua essência

Na ausência de conflito  
Germina a Paz

Deixara de procurar a Verdade  
Seus olhos cristalinos apontavam o horizonte  
Deslumbrados

Buscava a falsidade e a não-verdade  
A sua mente era um espelho  
O seu espírito não-dependente

O eremita

Deitara-se  
Em enxerga de espinhos  
Sem desejos  
Sem dor

Feliz  
Rejubilou  
Nascera o Vazio  
Que não era vácuo  
Era Amor

A Ele nada lhe falta  
Nada está fora Dele  
Não tem metade nem centro  
Reino sempre inteiro  
Uno no múltiplo  
Múltiplo no Uno  
Sem apegos sem aversões

Desde manhã tão activo  
Não entendo –  
Nunca estive tão passivo

Na Grande Via não há que evitar escolher  
Há que trocar  
Seja o que for  
Pelo Amor

Onde não há nem mal nem bem  
Porque quem ama  
Não erra  
Não peca  
Não engana ninguém

Decidi pintar a minha casa de amarelo-mostarda  
Por toda a parte vejo  
O que nunca antes tinha visto  
Casas amarelas  
Dezenas  
Centenas de casas amarelas

Desisto

Aquele que persegue o desejo de tocar o manto de Deus  
nunca o tocará  
Por ser desejo  
E o desejo muro fortificado  
Quando as dez mil coisas já não exercerem nenhum poder  
Voaremos em liberdade

Um pião  
Rodopia

Um outro pião remoinha  
Veloz no chão

O chão móvel  
O pião imóvel

Quando chegarei aos Sete Céus  
Quando atingirei o Reino  
Quando deixarei de ser eu?

Ouvem-se os grilos em Sinfonia Fantástica  
No fontanário deserto

Cigarras em acompanhamento harmónico

O relógio da torre toca a Ave-Maria

Passos  
O Pedro  
(um dos pobres deficientes da aldeia)  
Mira-me com ar espantadiço



A Capela do Santo Cristo de granito amarelo milenar  
Ilumina-se  
No silêncio o tique-taque do relógio marca compasso  
binário  
As nossas respirações  
A comunhão na paz sem orações  
Palavras ou emoções

Serenidade de luz amarela  
À porta da Igreja matriz

O meu corpo é o universo  
Sou corpo-universo

Amo os outros como sendo eu mesmo  
Agindo sempre como para mim procedo

A história da flor de Buda –  
Quantas flores já eu ergui e  
Como Ananda nada compreendi

Tem mil e um nomes  
De todos o último aclamo –

-----

Noite Escura

Os sentidos estremecem como canas ao vento Sul  
O pensamento aquieta-se na fúria do vendaval

No mais cavado de mim  
Um mundo errante por descobrir  
Espectro do porvir

Para além do além está o Além  
Para além de mim estou Eu  
Também

Nessa hora em que nasci  
Sem que eu soubesse porquê  
Minha Mãe sabia  
Que meu Destino  
Seria  
O do Filho  
De José e de Maria

Choram nuvens  
Na mais alta penedia  
Do Monte Santiago  
A dor do Céu ensombrado  
E de seu Filho amado  
Em lágrimas de sangue divino  
No meu regaço jorradas

Morria de saudade  
A pobre velhinha  
Na aldeia deserta

O filho partira  
Era doutor na capital  
Casara com filha de ministro  
Era cunhado de cardeal

E agora esse  
Vergonha tinha  
De quem fome passara  
Para que Fortuna tivesse

Dobram os sinos Senhor  
Chamam-nos Zacarias Ezequiel Jeremias Job e Isaías

Na agonia gemente  
Das crianças sem baptismo  
Que são Ser e Gente  
Nem crente nem descrente  
Que à fome deixamos morrer

Dobram os sinos  
Penitentes  
E com gélido sorriso  
Em vendaval de sangue  
Abrem-se as Portas do Paraíso  
Às almas de luto vestidas

Diz-me Avó  
Onde está o Avô  
Que já comigo não brinca  
Ó criança encantadora  
Já cá não está  
Morreu sabes  
E numa barca ornada a oiro  
Partiu para o Céu  
Onde brinca com Jesus  
Com sua mãe Maria  
E seu pai José  
Volve a criança  
De loiros caracóis  
Se assim é  
Deixa-me ir também  
Para o lugar onde está  
Porque aqui na terra  
Já me aborrece brincar  
Com esta gente sisuda e má

O vento passa e sorri  
Geme ruge ri

Arranca das árvores os braços  
Das portas os barãos

Destelha casas e currais  
Faz as velhas dar ais

E por rezas do Bento  
O vento veio o vento vai

Dá-me a Extrema-Unção  
Sei que estou vivo  
De saúde aparente  
Mas quero morrer hoje  
Hoje mesmo  
Para amanhã  
Nascer de novo  
Alegremente

Falava e dizia  
E teimava  
Que tudo sabia  
Mas do que falava

Pouco ou nada  
Se aproveitava

Há almas brancas macias imaculadas  
Irmandade dos Impolutos  
Há almas negras escuras negrume  
Da sujidade  
Há almas cinzentas com lágrimas dentro  
De luto  
Há almas boas sensíveis amáveis  
Compassivas à dor  
Há almas pérfidas pouco amigáveis negociáveis  
Do desamor  
A minha  
(julgo eu)  
É assim-assim  
Listrada a verde e a carmim

As ondas crescem  
O mar revolto  
Faixa negra no horizonte

Ao leme ao leme  
Gente  
Não há braço que aguento

Riza a Grande  
Recolhe a Giba  
Iça o Estái

Estalam chicotes  
Na espuma desfeita  
A morte espreita

Força ao leme  
Diabo  
Proa ao vento  
Prepara a Capa

Desabam cristas  
A meio-navio  
Há mar fora  
Há mar dentro

Medo  
Orações caladas  
Balbuciadas  
Ais ao vento Norte

Montanhas de água  
A desabar no convés

Patrão veja  
A escota ensarilhada  
A Grande rasgada  
O Estai de viés  
Que Deus nos proteja  
Já vejo a Morte  
De azul vestida  
De escuma ornada

Também as rosas  
Choram e padecem  
Quando o céu desce às árvores

E o verde musgo brilha  
Nos teus olhos

Choro e não sei porque choro  
(ou talvez saiba as razões)

Choro e lamento  
Já fui forte  
Hoje o não sou  
Não me conformo  
Em terra de ladrões

Choro

Porque há quem em segredo  
Chore da alma  
Com o rosto erguido e a face calma

Porque este mundo é bárbaro  
Bruta fera em covil grosseiro  
Vento agreste a arranhar pele de cordeiro

Porque os governantes são feitos de pedra dura  
Que nenhuma compaixão perfura  
Imunes à dor na carantonha disfarçada

Porque há crianças que morrem de fome  
Porque há mulheres que morrem de amor  
E homens que morrem de dor

Porque há mulheres maltratadas  
Escravas Violadas  
E crianças abusadas

Porque há homens a sofrer



O pão que outros comem e  
Que eles haviam de comer

Porque há guerras que matam  
Estropiam e decepam  
Os que com ela nada têm a ver

Porque há tocas de oiro para os prestigiosos  
Fortes e poderosos  
E para os oprimidos masmorras

Porque há os que morrem de saudade  
Num quarto de solidão da cidade  
E são encontrados a apodrecer

Porque há crianças que morrem sem ter brincado  
Sem ter reinado  
Sem um único sorriso

Porque há Irmãos crucificados  
Na justiça cruel e sem siso  
Por crimes por outros cometidos

Porque há tristeza e ansiedade  
Há melancolia depressão e agonia  
Em gente miserável do dia-a-dia

Porque há quem noite e dia chore  
E veja na cova funda  
Seu maior consolo e alegria

Porque há poetas mortos  
Que me dizem a chorar –  
Ama e não queiras o mundo mudar

Porque no meio de tanto pecador  
De tanto culpado  
De tanto criminoso  
Também eu o sou  
Por consentir no pecado  
Que me passa ao lado

E me provoca Dor

Mais uma manhã tardia a admirar os compradores do mercado cinzento Neblina matinal e frio húmido  
Encostados às paredes marmóreas e coçadas do café Bugio íamos alvorecendo lentamente entre monossílabos e escassos ditos arrojados ao encontro das janelas ao abandono cerradas

Alguém articulou uma ou duas frases esbranquiçadas acerca da morte como quem refere pernas esbeltas em curtas saias rodadas a esvoaçar à brisa favorável ou o verde das hortaliças frescas e asseadas ou o aroma do peixe de olhos esbugalhados das bancadas do primeiro piso a devastar as narinas das jovens criadas violadas pelo eflúvio do *tabu* e pela sudação sováquica dos amos excitados à vista de pasto tenro Bancas pétreas e algentes do pão nosso de cada dia para uns e da abastança para outro tipo de gente

Convivíamos quase quotidianamente com os carros fúnebres e lúgubres ataúdes gatos-pingados viúvas de branca face em invólucro negro a desmaiar ao som do *Requiem* de Mozart mães e pais de jovens destroçados em campanha nacionalista do sem-sentido ornados por bandeiras verdes e vermelhas Homens de farpela preta consumidos por cigarros sucessivos (naquele tempo era de homem fumar e esfumaçar não matava) noite fora na Capela da Misericórdia com o deleitável jardim envolvente antecâmara da viagem gratuita para o Paraíso que morava uma rua acima Aí havíamos brincado com pobres mas coloridos bibes às guerras e às mortes reinando sobre todos os mistérios Os tempos haviam mudado As mortes eram fiel acompanhamento das horas a morrer Uns iriam para França ou diziam querer ir para não abalar para o quente inferno do Ultramar Outros a querer voluntariamente partir perseguindo uma Cruz de Guerra

de 1.<sup>a</sup> Classe ou podendo ser a Torre Espada com Palma  
honrada com transmissão televisiva a 10 de Junho

Ele era como todos nós

Dezasseis anos talvez

Eis que magistralmente diz –

Já posso morrer

Pouco me importa

Não me assusta a dor

Posso morrer

Já fiz amor

Olhámo-lo assim como que dormentes Fitei-o nos olhos  
negros luzentes Alcancei em parte o leito de sua alma Não  
queria morrer sem o fazer sem construir a cúpula do  
júbilo e do prazer Do modo como o fizera poderia partir  
sem medo sem condecorações

Passaram-se anos tantos anos desvarios erros pecado  
luxúria delírios lascívia e desacertos Agora entendo-o

Para viver é urgente Amar

Só aquele que ama vive

E existe

Sempre

Sem cessar

Viver é Viver de Amor

O Amor presente

O Amor sempre

E assim

Viver para amar

Eternamente

Alentejo –

Uma árvore

Única

Na tórrida

E vasta planície

Boa tarde Irmã

Comecemos  
Por cantar  
As Musas  
As castas  
Esposas  
Dos deuses  
Em loa  
Ao luar

Na planura  
Sul  
Do vento  
O prodígio circunciso  
Dos longos  
Dedos desflorados  
Amarelos de altar  
Em folhas de oiro  
Pintados  
Dedos  
Fantoques  
Do sono  
Da Primavera  
Tombada do corcel  
Imperial

As mãos do homem  
Não as tocam  
Não lhes sentem  
O odor  
A árvores soberbas  
Alicerce do mundo  
Com tenda montada  
No abismo

Dos jardins assombrados

A Desgraça  
Força a entrada  
Em portal  
Que se não abre  
A Esperança  
Come a cor  
Das flores  
Hospedadas  
Nos descaminhos

Musas de corpo  
Em eflorescência  
Alma que discorre  
Que não corre  
No muro abandonado  
Ao pedregal  
Da tarde  
Que no leito  
Se estende e  
Murcha  
Com os olhos  
Na mão violeta

Ali ao lado  
O veado  
Brame à cria

Quando te queria  
Também eu por ti bramia

Árvores pedem  
A chuva  
Do passado  
Remoto

O laço do tempo  
Desfez-se  
Fera de sombrio  
Burgo

Serenos  
Graciosos  
Fibras chamejantes  
De espírito de marfim  
A navegar sem confiança  
Na terra  
Descuidada

Árvores pedem  
A chuva do futuro  
Em solene esquivez  
De amor vegetal  
Indómito  
Pó  
Ruído de janela  
Sussurro de cortinas  
Cruas  
Escritas  
Em versos nus  
De livros antigos

Árvores pedem  
E não sabem  
Que a chuva  
Taciturna  
Só desce à savana  
Em terror mudo  
De mofo

Na boca  
Esmaecida  
Pelas folhas  
Do tabaco

Quando ficar velho  
Tudo se há-de afastar  
Até a própria velhice  
De mãos dadas  
Com a mocidade  
Tudo me há-de abandonar

O sonho tem avenidas próprias no rumo incógnito da  
palavra ilusão O sonho tem asas e um puxador que o abre  
a meio do sono intranquilo e revoltoso  
O sonho levava-o ao altar do afago na derrota bem ou  
mal estimada  
O sonho entristecia-o  
Faltava-lhe a realidade dum embate  
Dum olhar aos pés do sacrário  
De lábios em lábios esmagados

Dança de palavras  
As palavras  
*Les mots*  
(como eu sei francês)  
São angélicas  
Borboletas  
Aeroplanos descendentes  
Que morrem às mãos  
Do reino  
Carregado de ferros  
Galopantes e  
Afiados nas montadas  
Dos cruzados  
Fosforescentes

Sílabas de paraísos  
Perdidos  
A planar no último  
Dos azuis  
Carbonizados  
Estranha surpresa  
De barco no mar  
Revoltoso  
Em cúpula  
De alabastro  
Desaparecido

São palavras  
Nuvens  
Almofadas  
Fecundas na rápida  
Loucura  
Da distância  
Bruxuleante  
Falsas e incertas  
Que por nós passam  
No ecrã gigante  
Da memória  
E das promessas  
A calcorrear as estradas  
Do impossível



Será que podes  
Quanto queres  
E o que queres  
Se deixa poder  
Ou o que se pode  
Se deixa querer

Talvez seja assim  
Talvez não

Se o que se quer  
Não se pode  
E o que se pode  
Não se quer  
Se se quer  
O que se quer  
E o que se pode  
Não se quer  
Que se queira  
O que eu quiser  
Para que ninguém  
Seja Sofrer

Caxarias –  
Como me parece longa  
E sem fim esta viagem

Os jardins  
De São Pedro  
Junto ao Oceano  
Foram invadidos  
Por maresia  
Pelas raízes  
Dos corpos  
De velhos navegantes  
Cabelos orçados  
Ao Norte  
Cariados  
Nas pedras submersas  
Abismadas  
Onde vagueiam  
Cardumes de douradas  
Cantando o silêncio  
Dos túmulos  
Errantes  
Como gaivotas  
Em noite de temporal  
Desfeito

Manhã de Primavera  
Um manto de neve

Nada se move

A lebre acorda  
Deixa pegadas  
Soltas

No espírito do gelo

Quero construir  
Uma cabana  
De troncos  
Onde poisem mochos  
Em torrentes sem fim  
Onde meu Amor pesque  
Nos fundões  
Nos baixios  
E o aroma do vinho  
Novo  
Como nova é a hora  
Paga com moeda  
De sangue  
Ilusão desvanecida  
Nos ribeiros  
De mansas águas  
A escarnecer  
Os grãos de pão  
No vale semeados  
Pela Amada  
Sem nome

Oh as sombras da noite  
Nem medo nem amor  
São apenas sombras

A Imaginação  
Do Poeta  
Tem de ser  
Maior do que o Universo  
Mais violenta  
Do que uma noite de núpcias  
Mais amorosa  
Do que um corpo  
Vestido de vermes  
E ao frio tremendo

Estar na primeira fila  
Primazia outorgada  
Ao valor  
Desvalido  
Do agora  
Assim  
Consolação da morte  
Na desgraça possível  
Do gancho de jade  
Da flor selvagem  
Sobre os montes  
Enobrecidos

Versos  
Verdade das coisas  
À beira das margens  
Do Rio Negro  
Onde despes o corpete  
E banhas as veias  
Brancas  
Com doce mel  
Cristal a reluzir  
À voz do Outono  
Em terras alheias

Quadras  
A desfazer rosas  
Enquanto o dia  
Leva a noite  
Nas luzes das estrelas  
Para a orla  
Da floresta calada  
Onde as espigas  
São aos molhos  
Na passagem  
Para outra vida

Marinheiro  
Sou  
Com Amor  
Poeta  
Não  
A minha Alma  
É do Mar  
Do Oceano sem fim  
Da glória das vagas  
Para onde os Corvos  
Voam  
E dizem  
A vida é o dia de hoje  
A vida é o dia de hoje

Campo seco  
Abandonado

Tristeza do velho lavrador  
Que chora em segredo  
A morte do seu suor

Quando o amor  
Se transforma em sonho  
Nada lhe falta  
Nada há a acrescentar

Se do sonho acordo  
E o sonho despedaço  
Por estar desperto  
O amor fica incompleto

Corre menino  
Corre  
Atrás da bola  
Enganado

Sonha agora  
Que quando grande fores  
Não serás famoso jogador  
Mas desempregado

Promessas de amor  
Em corações perdidos  
Palavras vis  
Na penumbra de mãos amigas

Com tanto para dar

O leito perfumado  
Velas incendiadas  
Camisa de cetim bordada  
Toalha de linho  
À cabeceira  
E palavras donzelas  
Na frescura  
De um sorriso

Dias de pranto  
Dias do mal  
A medir os erros  
Que se esquecem  
Nas frases  
Escritas em ramos de cedro  
Que o lume irá queimar

Canas aos céus rondam  
O sepulcro  
Com arcos flechas  
E trevo florido  
Onde os veados correm  
Fugindo ao teu olhar  
Estertor  
Esmagado pelo peso  
Dessa Dor  
Que na morte  
É morte  
Recompensa de quem tristeza  
Ganha  
E infelicidade  
Não pode mudar

Promessas vãs  
Em vida esguia

Um pobre mendigo  
Come em marmita amolgada  
Uma sopa tão fria  
Como as suas mãos nuas

Saudara a mentira arrostada nos lençóis de fina cambraia  
O amante viera longínquo e exausto como réptil em águas  
turvas  
O quarto púrpura  
À luz de círios erectos absorvia o odor do segredo  
E o desenho fulgurante dos corpos nas pregas  
enrodilhadas da coberta estampada decorava as paredes  
nuas e confidentes

Estou sempre a correr mundo  
Na mesma direcção

Quem viaja se a viagem sente  
O mundo percorre indiferente



Era inocente  
Trazia-o preso  
Por um beijo quente  
Oferecido  
Na intimidade do rosto

Funda verdade  
No Dia da Ternura  
Incircunciso  
Ei-la  
No seu voo de falcão

De Amor ninguém  
A tomaria  
Arredondada  
Rolava  
No seu coração

Lá se vai Amante  
Outro e um outro  
Penas semeadas  
Na noite ampliada  
De planícies em flor

Um ano e um dia  
Chegaram com o som  
Da flauta  
Dor que a alma toca  
Numa única nota

A vida entristecia-a  
Agora  
Megera incontrolada  
A quem ninguém  
Um beijo dava

Na cidade grande  
Tudo passa  
Na rua apinhada

Ninguém olha  
Para a criança abandonada  
E chorosa

Resineiro sem seiva em noite escura alheia ao luar Onde  
estará o colmado de sua amada?  
Os seus seios nesta hora exânime serão a imagem em  
chamas de seu coração Onde estará o colmado?  
Que Deus lhe valha no dédalo cruel antes que Ela seja  
fogo e cinza

Ah o luar de Verão  
No gosto da brisa  
Que apaga a luz da lanterna  
E ilumina de branco  
O meu coração

A minha canção

Pobre canto  
De quem ontem nasceu  
Na Rua da Escravidão  
A sonhar realeza  
Imensa potestade  
De vitória  
Incessante entre mim  
E a desventura árida  
De meia-noite cavada  
Na voz das árvores  
Lâmpadas de açafrão  
A cintilarem ao quotidiano  
Da saudade

Desviando os olhos  
Suspirando breve  
No âmago dos ossos  
Descarnados  
Nadei nas tamareiras  
Defuntas  
Como crianças convencidas  
De miragem num deserto  
De trevas encarnadas

Tu que a terra deixaste  
Diz-me  
Sem rodeio  
Onde repouso eu  
Nos séculos de espaços amplos  
E tempos encobertos  
Eu que nasci  
Que morri  
Ao fumar um cigarro verde  
Na cadeira rubra do café  
Bisbilhotice  
Inundada de luz eléctrica

À noite no terraço  
Em noites de Lua Nova  
Nada vejo do mar

Só o odor a maresia  
Me faz saber  
Onde estou

O desejo repartia-se alígero na pele seca  
A noite escurecia mergulhando nas vidraças viradas ao  
mar  
Uma estrela movia-se lentamente entre o leito desfeito e  
revolvido por corpo em agonia e a linha quebrada do  
horizonte nublado por riscas de sangue opaco  
Ninguém vinha  
Acomodou o coxim acomodou-se a si  
Na camisa de cetim em desassossego ardente citou o  
sono distante  
Não haveria quem pudesse condenar os sonhos nascidos  
do sexo latejante

Sofre-se  
E  
Morre-se  
Por um punhado  
De moedas

Manhã monótona  
Um Ferrari amarelo desliza  
Onde pequenos meninos caçoam  
Aos pobres e aos ricos  
Gigantes e anões  
Príncipes e princesas  
Médicos e doentes  
Marmelos ao faro

Um banco gigantesco de jardim  
É a marquesa dos instantes  
Dos diagnósticos públicos  
Com o relógio do peito  
A contar palpitações  
Aos apressados  
E aos que chegam sempre tarde

Mão que cobre mão  
Mãos que se escondem nos bolsos rotos  
A delirar nas bocas  
De rubis

Um relâmpago na noite  
Ilumina a Serra –  
Primeiro dia da Criação

Estou em casa  
Cada vez  
Mais sozinho

Não porque o não queira  
Mas porque o quero

Poderia dizer –  
Aqui jaz  
Em vida  
Sentado  
Em banco de noqueira  
Quem só se diverte  
E só em paz está  
Deixem-no estar  
Não se atravessem  
No seu caminho

A neve derrete –  
Do boneco  
Sobeja uma cenoura

O vento chama-me ao rio  
Ao lodo das margens secretas  
Onde braço com ombro  
Te farei insondáveis

## Confidências

No vaivém da maré o rio chama-me  
Pelo nome

Um mergulhador emerge  
Sem rumor  
Sem notícias do corpo calcinado entre pedras  
Enredadas por troncos imolados  
Cicatrizes negras de tempos  
Passados

Nas margens com um só beijo  
Aprendera a palavra Amor

O mergulhador foi-se  
E eu sorrio  
De todas as alegrias  
Sonantes  
Que libertam a terra escura  
Dos seus algozes  
De todos os beijos  
Semeados  
Em terreno fértil e seguro  
Como trigo nas searas  
E sangue nos recém-nascidos

E há os Mistérios  
Nos ramos dos salgueiros  
Assombros amorosos  
Chorados ao luar  
De Agosto

No rio na antiga ponte de pedra surda  
Aprendi numa vertigem a palavra Morte

A teus pés Amor  
Rezo esta oração  
Marca do poder de Deus  
Na muralha imberbe da existência  
Donde brotam ramos  
De macieira florida  
De brancas flores

Sonhei  
Que te dava  
Em branco  
Este caderno  
Ferruginoso  
Onde escrevo

Dar-te-ia com ele  
As mãos do olvido  
Em desabrigo  
As memórias do esquecimento  
Cor de verbena  
Assombrada  
Ao sol claro  
De Primavera  
Quimera  
De poema solitário  
Nos versos de ninguém

O mar morreu  
Já não tem espuma  
Nem ondas  
Nem marés  
Morreram-lhe as lágrimas  
Salgadas



E este caderno  
É teu

Há dias  
Que o sino não toca –  
Teia de aranha no badalo

Chamaste-me Irmão  
Baixinho  
No giestal  
De nosso coração

Fechar os olhos  
Devagar  
A adormecer a colina  
Terra de rosas e jasmim  
E vi-te  
Bela  
Corpo de vinho e pão  
Em humilde vestido de chita  
Debruçada no lago  
Graça  
Das fontes abertas  
Sobre a brisa  
Lânguido beijo  
Sombrio  
Em tarde doirada

Sol suave a aguardar

O silêncio do luar

Golfinhos no Espichel  
Saltam cruzando a proa –  
Hoje o Mar está feliz

Anseio de Infinito  
Sede de Eternidade  
Numa tarde de Outono  
Com folhas a cair  
Vermelhas  
Violáceas  
Doridas  
Deixando as pobres árvores  
Despidas

Na casa caiada  
Branca  
E ainda amarelada  
Pela linhaça  
Há uma luz que se acende  
E aquela gente  
(não os conheço nem sei sequer quem são)  
Talvez estejam a rezar  
Nos últimos tições  
De braseiro de cobre  
(penso)  
Da pequena saleta de inverno  
Protegendo-se do Inferno

Que na Missa do Galo  
Devem ter ouvido pregar  
Esquecendo-se que o Céu  
Está moldado a estrelas  
E o mar  
Um brasido a crepitar

As cigarras cantam inebriadas  
Ouço-as cantar na colina submersa por ténue névoa  
Chamam-me à vida  
Chamam-na também  
Os meus versos  
A Ela que não vem

A Lua de Inverno  
É a mais bela e  
A mais fria

Ah essa febre que me vem  
Que me entristece  
E incendeia a tarde  
Que desce sobre o mar  
Bebe-a tu Amiga

Faz teus os meus espinhos  
As minhas mágoas  
Meus lamentos  
E saudades  
Porque o marfim da tua alma  
No alabastro de tua pele  
Não consente  
Ferida desventura  
Febre ou amargura

Folhas secas  
Sopradas pelo vento  
Mudam de lugar

Daquela rocha viva  
Tudo víamos  
O que se pode ver  
E o que não se podendo  
Se imagina

Vinhedos corriam nas janelas  
Com as folhas vigilantes  
Ao furto de seu fruto

Viriam as vindimas  
Com homens cheios de sarro  
Pela calada da aurora  
Lâmina afiada  
A violar o teu tesouro

De tantas e tantas  
Almas arredondadas

Viriam para as acarretar  
Espezinhar com violência  
Animalesca  
Embriagados pelo desejo  
Torpe vício  
De quem sem sede  
De seu pomo se sacia

Constelações vagueiam  
Estrelas errantes  
O luar penteia a seara

Na colina prateada  
Reluzem cintilantes  
Os olhos furtivos da raposa

Cada homem tem um tempo  
Que está por detrás de tudo  
Ânimo esquecido de pássaros  
A roçar ao de leve nas telhas  
Do casebre do outeiro

As estrelas também têm o seu tempo  
Como o orvalho pousado nas folhas amedrontadas da  
berma

Do caminho calcado pelos pés acorrentados dos poetas  
líricos

Na adega fresca e sombria estão os mortos  
De antigamente  
Juntos com os de hoje  
Bebendo em taças com fezes de vinho  
Mágoas cadentes  
Estalactites pendentes dos astros do firmamento

Alguém chora escondido  
(não posso nem devo dizer-vos quem)  
Agasalhado em velhos jornais e cartão  
Donde nasce acorde de viola  
Como corpo de mulher a gemer e a trinar

Não chores digo  
Vamos juntos mendigar o Amor

O meu corpo flutua nas águas mortas  
De sal  
Todos os corpos de sal flutuam nos seus semelhantes

Na pradaria um Bisonte desmarcado Juba luxuriante  
Barba exuberante Ombros altos como possante homem  
das estepes Nas omoplatas armas letais  
Afastara-se da manada apesar de ser macho dominante  
O mundo a seus pés

Cavalo Branco seguia-o nas terras de caça  
Afastando-se do acampamento de Verão

Na tenda  
À porta  
Triste e sofrida  
Sua amante  
Ave Vermelha  
Esperava

O Búfalo alado voava  
Voava  
Com Cavalo Branco  
Esgotado

Passaram anos Anos e anos a cavalgar em manta gasta  
Numa mão a imagem do Bisonte  
Na outra a da Amante

Fora vencido  
Queria voltar  
Ao lume doce da sua tenda  
Aos braços de sua Amada

Nunca conseguiu encontrar o caminho de regresso  
Morreria de saudade a florescer no coração  
Com Ave Vermelha a definhar em choro de dor

Já não era Cavalo Branco  
O Grande Guerreiro  
O Caçador

Seria eternamente  
Saudades de Amor  
E seu nome  
Saudades Sempre

Entregaram-me ontem  
De novo  
A Chave do Oceano

Há meses que escotas e adriças me não correm pelas  
mãos calejadas  
Afinando o rumo aos teus seios salpicados de sangue

O mar bate nas costas de ilhas despovoadas  
Que se encham de pedras negras  
Raiadas  
Roubadas às praias rochosas e desertas

Aí vivem fantasmas de marinheiros mortos  
A entoar em coro a triste canção do velame despedaçado  
E do tabuado negro à deriva

E à noite  
Quando as ondas se desfazem em longas cabeleiras nas  
praias  
Ouvem-se nas canções longínquas  
Os gemidos dos Navegantes

Na Grécia  
Um cão vai à frente  
Na manifestação

Sabe o que quer

Por cá  
Nem cão  
Nem gente



Terra de boi manso

Estou cansado

Pareço ter esgotado todas as minhas possibilidades

Este mundo já me não seduz

Prefiro amar  
Amar amar  
Até que a fadiga final  
Me consuma

Com uma rosa  
Na mão direita  
E na esquerda um cravo  
Vermelho

A Esperança  
No coração  
Em carne viva  
Até que seja cinza

Vieste visitar-me  
Esplêndida

Eu  
Abandonado ao mar

*Mare Nostrum*

Para orquestra e piano

Nomeio-te Rainha  
De aquém e além Oceano

O mastro da Grande  
Toca as nuvens  
Com brandura

Nuvens baixas  
Com cabelos de prata  
Ondeados ao vento de Leste

O luar varre a vaga  
Lanternas de mil barcos  
Em vigília sonora  
Com velas remendadas  
Tremulando

Pôs-se o Sol  
O frio veio  
O medo mistura-se  
Com místico prazer  
Das flores coloridas  
Que à superfície  
Toldam o azul nocturno  
E a luz cristalina  
Reflexo áureo  
Da corrente  
Quente  
Das lágrimas de pedra

Morria de Amor  
Em dor  
E tédio  
Que sem tamanho ou medida  
Não podia em caso algum  
Ter remédio  
Consolo e cura

Bem meu  
Amor da Alma amado  
Face da cor da neve  
Permite-me  
Que te fure o coração  
Para que no meu peito em sangue  
O meu possa  
Bater leve como o teu

Os ventos amainam  
Os verdes campos serenam  
Ficam as serras  
De urzes e giestais floridas  
Quando de amores  
Por ti perdido  
Sobre mim teus olhos  
Se demoram

Ó vento triste  
Como eu  
Sem mulher nem amante  
Duradoura

Alma cansada  
Da mudança  
De muitos amores  
Com enfado modelados

Nas serras as cores pintadas  
As fontes claras como vidros  
Em espelho laqueadas  
Os cabelos a esvoaçar transparentes  
Uma mulher outra e outra  
Estátuas vivas da volúpia  
A abraçar a neve  
Leve e suavemente

Vento de muitos amores  
Meus  
Teus  
Até que a morte nos apague  
E acenda  
Porque a brisa que ofusca a luz  
Também a alma

Uma brisa adocicada

Corre pela janela

Passa suave pela mesa  
Transfigurada em poema

Erro no mundo  
Em actos e passos

No mar sem fim  
Na terra oculta

Por montes  
Névoa  
Chuvas

Erro

Grito desolado  
Na charneca  
Encurralado nos jardins  
Do Palácio da Morte  
De nuvens móveis ornado

O vento assobia  
Rasga o peito à neblina  
O que é vivo já sossega  
Na solidão  
Que se carrega  
E custa a suportar

Crisântemos de Outono  
Mulheres de jade  
Amor perfumado  
Do amar exausto

Às vezes  
Amar  
Pode cansar

As cigarras  
Como as raparigas na eira  
Cantam desgarradas

Sonho  
Que voltas

Que o Amor retorna  
Nos teus braços brancos

Que o meu olhar vagueia  
Dolente no teu corpo

As gralhas ao crepúsculo  
Anunciam  
A tua vinda  
Por caminho rasgado nos abismos do mar  
A estender-se na longa e infinda estrada do Céu  
Onde se não te encontrar  
Sempre te verei  
Em noites de luar

Este mundo  
Desgasta-se  
Como a corda dum relógio

Relógio  
Varrido por borrascas  
Alimentado por fogos-fátuos  
Por combates na planície gelada

Relógio  
Atormentado pela saudade  
Do velho soldado  
Nas trincheiras

Relógio de passos  
Pesados  
Lúgubres  
Da idade  
Da fome  
Da melancolia

O relógio  
Uma arma  
Uma fotografia ao lado  
Uma lágrima pesada  
Plangente  
De sangue suada

E a Dor  
Pontual  
Sempre às mesmas horas  
Num relógio avariado

O meu Amor veio  
Canção de veleiro no mar –  
É urgente orçar

Anoitece em alto mar  
Eu  
Sozinho  
As velas  
As estrelas  
Tartarugas  
Golfinhos

Um corpo  
Uma vida  
Um sonho  
No orvalho do convés

O mundo acaba  
Quando a Vida acabar em mim

Há dias que a chuva



Não pára –  
Parede de água

Na fonte  
Velhas encharcadas  
Enchem os cântaros

Enquanto uma rapariga  
Lava no tanque  
Por telheiro abrigada

A criança brinca  
Com os meus dedos

Desfolha-os

Conta-os

Interroga-os

Como é belo  
O seu brincar

A sombra do gato  
Atravessou a parede  
De estuque

Tivemos um sonho

Um homem rasgado ao meio passeava-se em calçada labiríntica Havia veneno no tecto ao entardecer

A Estrela da Manhã impedia qualquer pensamento feliz ou contente o que lhe agradava a ela estrela porque o silêncio do Cosmos não se compraz com ideias cimentadas no chilreio do cérebro Que fechasse os seus botões de algas para que alegre fosse o homem largo de ombros corpo de boi em bardo de fibras ardentes de teares polidos

A manhã estava serena e tinha os cornos afiados ao sol obscuro no rosto corado de desgostos e pecados do dia nascente O cárcere era redondo e alguns dos presos semelhantes a ventoinhas andavam em círculo Não lhes víamos a cabeça apenas o tronco e seus ramos apodrecidos Estavam todos vestidos de azul como quem se veste para a primeira comunhão de grupo e eram anjos de interior supusemos Havia um coral no meio deles que discursava acerca da verdadeira fé

As ondas deslizavam no horizonte vendo-se o topo de um mastro incendiado a bordo de um veleiro fantasma cercado por montanhas de água paralisadas em quadro neo-realista dum pintor cego

Só havia vinho velho e nenhuma mulher

Assim não vale a pena sonhar

Acordemos então

A hortênsia

Em silêncio –

Teme ser podada

A igreja  
Já não tem sino  
Não tem altar  
Santos  
Caixas de esmolas  
Telhado

Uma velhinha  
Corcunda  
Reza sentada  
Em banco improvisado  
Como se ali estivesse  
Nosso Senhor

Uma rajada  
Verga a haste florida –  
Agarrada uma cigarra

A minha sombra  
Na noite profunda

Sou eu  
Que sombreio

Ou é a sombra  
Que me nomeia?

A minha voz ao vento –  
É vento  
Ou o meu eco?

São teus olhos verdes  
Senhora  
Que me fazem  
Ter de Amor tanta sede  
E na vida ir mais Além

Não fora a sua cor  
Ora verde ora azul  
Em face branda em flor  
Já me teria ido para Sul  
Onde abunda o calor

Para que sofrer me não visses  
Em rocha agreste acoitado  
Nos seios de outra mulher  
Quando por ti rejeitado

Porque quem deveras ama  
Olhar tão delicado  
Outro Inverno não há-de querer

Chove na charneca

Parto

Como Fumo Branco

A dor de cabeça que me não abandona paira no ar e esmaga os pensamentos com seus braços férreos As visões permanecem em ziguezague contínuo turbilhões de imagens novas O sossego nu do corpo na cobertura de guarda ao rio hoje mascarado de cinzento contrasta com a quase insuportável pressão da Besta na nuca Não suporto o riso dos idiotas a esperteza macabra dos trapaceiros a mentira dos burlões os tostões dos charlatões a estrangular os simples O planeta estanca estala fende-se pelo meio corrompido e coroadado de demónios Dói este cansaço e esta dor a quem se não decida pelo veneno em taça de prata O Inferno salta festivo em toda a parte Abominável com crostas ósseas virulentas Um homem-de-sete-cabeças percorre as ruas subterrâneas da cidade queimada a enxofre De rastos os seus iguais imploram nas preces falsas e submersas o perdão de terem nascido pecaminosos  
Eles causa negra e directa da misantropia

No Outono  
Ramos secos em cruz  
Filtram a luz

Ribeira das Aldeias  
No Verão

Descalço os sapatos  
Descanso os pés

Enquanto uma rã salta  
Para a meia branca

Que espanto

Saudade –  
Com os sapatos na mão  
Jogo à bola

Um ramo seco  
Folhas rubras

No castanheiro dormente  
Um corvo descansa

No lameiro  
Um enxada gasta

Um ancião  
Dormita à sombra  
Dum sobreiro –  
Calor árido de Verão

A tua vida  
Tia adorada  
Foi uma luz  
Continuada  
Na terra e no Céu  
Ainda e sempre  
Acesa  
Um relâmpago sem fim  
Minha tia  
Maria do Céu

Há vozes

Que ninguém ouve –  
Ouve-as a morte  
Atenta

No velório  
Cá fora  
Canta uma cigarra –  
Canta a Morte

Quando a Primavera se vai  
Os campos não cantam mais  
E choram aves  
Peixes  
Todos os animais

O perfume varre o ar  
Percorre a terra húmida –  
Camélia em flor



Que esbelto o teu rosto  
Como nunca outro vi em ninguém  
Belo macio meigo afável  
Doce sorriso diáfano celestial

Por muito que o procure  
Não o vejo em parte alguma  
Porque no mundo não há  
Desejo que ao meu se iguale

De não te ver desespero  
O coração em lume incandescente  
A saudade a devorar a alma

Se Beleza como a tua  
Por muito que corra não encontro  
Que em mim o amor morra

Uma cerejeira em flor  
Tem perfume  
E som também

Cornetas tocai Cinco notas cantam momentos de sol  
bastantes para iniciar a marcha  
Cuidado Os morteiros os canhões a cobardia dos varões  
destinados às medalhas de ouro vermelhas papais

As moscas de vinte patas pousadas na mesa morta  
anunciam a chegada de novos cadáveres juvenis lívidos  
Pombas de reino cinzento ceifadas  
Que tudo esteja feliz e contente Eles morreram jovens e  
belos  
Nós vamos morrer amanhã  
Se Deus quiser  
Se Deus quiser

Uma gota de orvalho  
Na orelha do cão adormecido –  
Como está velho o meu amigo

Primeiros dias de Outono  
Na rua fria e deserta  
Pobres diabos ao abandono

O Amor mata  
Não a quem se deixa matar  
Mas a quem não quer morrer

Se os teus olhos tivesse  
Se os pudesse sempre ter

Quer na vida quer na morte

Na morte não morreria  
E com olhar assim tão terno  
Para sempre viveria

Nesse Amor eterno  
Que quanto mais calado  
Mais Vivo se tornaria

Primeiro dia de neve –  
Na serra  
Vergam os pinheiros  
Enquanto eu salto  
Alegremente

Ali  
Na favela

Eu  
Ladrões e

Gente séria  
Sob o mesmo telhado  
Zincado

Com as estrelas a espreitar  
Pelos buracos

No limoeiro  
Canta o rouxinol  
Sem saber para quem

Um aperto nos pulmões lavados pela nicotina das horas  
desertas  
A certeza de que o teu córrego corre na direcção do  
remanso  
Pode dizer-se ou diz-se podendo ou não saber-se o que se  
diz que a intuição não sendo absoluta nada à superfície  
das dores de sangue E eu sei que travas campanha em  
nova vereda julgando que no beco de paredes  
amortecidas existe a Terra Prometida  
Fico-me  
Aqui  
Como sempre  
Liberto da ilusão  
Por ti  
Anunciada  
Não levanto o auscultador gasto de palavras aquecidas  
pelas verdades relativas dos viajantes estelares Aguardo  
que o sono se arraste pelo colchão sem lençóis e pelo  
ruído dos aviões que no alto piscam luzes saudosas  
Os barulhos distintos sucedem-se no asfalto remendado  
por bandeiras de carne humana apodrecida às chuvadas  
intensas de Verão e aos temporais  
A Lua sobe pelas estrelas  
Uma a uma  
Sóbria

Cuidadosa  
Tu já não vens  
Adormeço no regaço da solidão  
E beijo o meu próprio corpo

No quarto  
O Inverno  
Faz-me companhia

Traz a adaga  
Confio-te meu braço  
E a minha alma  
Para que faças morrer

Os fantasmas de Satanás  
Nas trevas do poder  
E nos livres deste langor  
Antes que gele e vente

Ou à flor da pele  
Raiva e ódio adormeçam  
E por vingar fique  
Esta pobre gente

Que morre à fome  
E à sede desmaia  
Em abandono  
Permanente

Pirilampo –  
Luz a cada pulsação  
Do meu coração

Cortinados verdes  
Cadeirões azuis  
Entroncamento  
Um jovem militar  
Um cigarro escondido  
Nas horas infindáveis  
Da viagem nocturna  
Nas janelas  
Vê-se de dentro  
Para dentro  
O interior  
Passam luzes  
No exterior  
Brancas  
Amarelas  
Luzes anónimas  
Como os corpos sonolentos  
Sentados nos assentos

No tanque de granito  
Flutuam rãs  
Entre os limos

Hoje  
À minha volta  
Não há nada  
Que não seja novo  
E inocente –  
Dia fantástico

A lareira acesa  
Paus em brasa  
Lá fora o boneco de neve  
Derrete

Ouve-me Maria  
(todas as mulheres são Marias e todos os homens Josés)  
Não vás  
Não te percas  
Não desafies o Destino  
Não deixes de ser quem és

A estrada silente  
Padece de perigo  
Se o Amor está ausente  
E o amante ferido

Não te vás Maria  
Que fico a padecer  
E tu te deitas a perder

Não te vás  
Fica  
Sê  
Como toda a gente  
Diz que o é  
Sem o ser  
Honrada  
Virgem  
A Deus temente

Não te vás  
Que eu morro de medo  
Ao pensar  
Em te perder

Inverno –  
Chuva torrencial  
Pássaro sem abrigo  
Alma sem chapéu



A beleza da neve  
No telhado  
Ofusca o gato

Noite entrada  
Melancias ao luar

Rapazes  
Raparigas

Em cestas e braços  
Quantas poderemos levar

Na face da minha mão  
Um grilo –  
Que ternura

A névoa dissipava-se lentamente no espelho da Casa Grande do outeiro Ela dormia indiferente à Primavera e às ameixieiras em flor  
Para quê despertar com o vento azul matinal carregado de orvalho se ninguém vem acariciar o seu corpo quente?

O pastor assobia  
Tudo volta ao habitual –  
Rebanho a ser rebanho

Sem pressas  
O velho sobe ao telhado  
Com as calças descosidas no rabo

A noite  
Mergulhou  
No silêncio  
Das sombras  
Vivas

O sino tange  
Cai a noite  
Com as suas sombras

Penso  
Quem me dera ser pobre  
Viver num casebre  
Na floresta  
Lado a lado  
Com o lobo e com o veado  
Livre de obrigações  
De ladrões  
Do Estado

A Primavera findou  
Sem aviso –  
Nenhuma flor restou

Partir  
Para onde?  
Apenas  
Ir dum lugar  
Para outro  
Voltar  
Ir e vir  
Vir e ir

A gata da Dores  
Espreita ao canto  
Do adro

Chama-a  
Ignora-a

Com cio  
Sem dono  
Mira a Lua

Domingo soalheiro  
Gente que sobe a avenida  
Gente que desce –  
Quem são?  
Donde vêm para onde vão?

Um pito  
Na mesma cadeira  
Nas mesmas pernas  
Da esplanada

Sentia falta da flor no meio do relvado quebrado em  
minúsculas partículas verdes  
As nuvens corriam com seus dedos de sombra no dia em  
que os mortos deveriam regressar armados de malas  
desfeitas em pedaços de cartão amarelo Com as mangas  
arregaçadas soluçando palavras a arder em desejo  
Desejo morto ao luar através das árvores despidas como  
rameiras

Nem a borboleta  
Parece querer ficar  
Neste país de treta

Inverno frio –  
Raios de sol  
Descongelam os ossos

A Lua  
Foi condenada  
À solidão

Abandonada  
Só os amantes

Lhe estendem a mão

Um rato passeia-se  
No tecto de madeira

Pata aqui pata ali  
Sem eira nem beira

Mesmo assim  
Não me deixa adormecer

Campos secos  
Uma silhueta no Poente –  
Alma morta ou doente

Triste pescador  
Que o nome do Amor repetes  
Às algas incandescentes

Numa nesga de céu  
Solitária a Polar  
Aponta-te o caminho da amada

Queimados os ramos  
A cinza espalhada  
No corpo amarrotado

Nada no porão  
Da barcaça derramada  
Nas ondas da manhã em floração

Hoje Lua Cheia  
No moinho  
E eu sozinho

Olha-me  
Nesse teu olhar  
De luz radiante  
Enquanto lembro  
O beijo  
Que a boca me tingiu  
De oiro e prata  
E o cheiro  
Da laranjeira em flor  
A pouco e pouco  
Se desprende  
Das minhas faces  
Pelas tuas tocadas

Chegou o tempo frio  
A cama

No quarto pequeno  
Exala do gelo  
O aroma

O Sol ainda adolescente  
Espreita  
Teu colo resplandecente  
Trememente

Sigo uma estrela no céu  
Vejo a geada crescer  
Aqueço  
Nos lençóis frígidos

### *À Florbela Espanca*

Chove  
Já é Outono  
Os campos tingem-se de canela

Uma fotografia  
Antiga  
A sépia do tempo  
A Dela

Nunca te vi  
Não te conheci  
Apenas o que escreveste  
Ávido li

E voltei a ler  
(quantas vezes te reli)  
E a cada nova leitura  
No medo da noite profunda e escura  
Adormeci em tua Alma rubra



Com vívida fotografia  
A meu lado deitada

Nasci  
Não recordo  
Mas devo ter nascido

Tu morreste  
Antes de eu ser gente

Agora  
Olho-te  
A face branca  
Olhar penetrante  
O colar pendente  
A fina mão  
Em macia invocação  
Súplica  
De coração em chama  
Lábios doados  
À Paixão  
Em vida ausente

Como te quero  
Alma que meu peito encerra  
Em túmulo eterno  
Diz-me de tua voz  
Que o Amor vivo  
Que ofereces  
Tão real tão ardente  
A mim me pertence

Como te quis como te quero

Nos dias em que a Dor me fustiga  
Sinto a tua presença  
E almejo Amada  
Um Amor divino  
Tão forte como a própria Morte  
E se porventura acharem que louco estou  
De irremediável loucura

Direi –  
Sim estou  
Louco de tanto te amar  
Louco de Amor

Olho-te com ternura  
Vivo em ti dentro de mim  
Apaixonadamente  
E se alguém  
Alguma vez disser  
Que se não pode  
Que é impossível  
Amar assim tão perdidamente  
Morta que se não conhece  
Mente certamente  
E se não mente  
É porque já nada sente

Rio indómito  
Corrente gélida  
A beijar as pedras roladas  
A luta das águas  
E nem uma truta  
Uma truta sequer  
Nesta manhã fria de Inverno

Ouve rio  
Que arrastas tu  
Na tua correnteza?

A Beleza  
Que sempre muda  
E nunca é a mesma?

Ou a Morte cruel e amarga  
Alheia à dor  
E à saudade do Amor?

A Primavera  
Sem pressa  
Caminha nas urgueiras  
Nas giestais de branca flor  
Nas pinhas sonâmbulas dos pinhais  
Dando voz aos chapins  
E aos pardais

O Sol  
Na relva fresca  
E eu  
De costas voltadas  
Para a balança  
Ferruginosa  
Mal aferida  
Asquerosa e infecta  
Da justiça

Passo  
Como quem não vê  
Nem olha  
À porta da igreja

Continuo  
Em larga passada  
Em longa caminhada  
E para lá das luzes da aldeia  
Entro na noite estrelada

Amanhã  
Presente à justiça dos homens –  
Hoje o dia parece não ter fim

Água da fonte  
Tão pura e cristalina

Nela bebem patrões e senhores  
Desalmados

Os cavadores  
Cansados

Pobres e ricos  
Cães de raça com donos

Rafeiros  
Abandonados

Nessa fonte santa  
Todos nós bebemos

À noite  
Pela janela  
Olho a Estrada de Santiago  
No céu estrelado

Pasmo  
E pergunto-me  
Quantas almas prateadas  
Por ali irão  
Em deleitosa  
Procissão

Pegada após pegada  
No extenso areal  
A morte chamava  
O velho pescador  
Solitário ao largo  
Em estreito batel  
No mar cavado

A vida –  
Vasto rio  
Sem ponte

Na margem –  
Caminho sem destino  
Sem Oceano à vista

Sentara-se na proa a alisar as barbas malhadas de branco  
e entrançadas pelo descuido de quem desperta sem  
querer despertar  
Uma gaivota esquelética rondava o pontão de Sueste em  
arcos defectivos com asas descompassadas na cadência  
nativa do nascimento da terra  
O mar não o via  
Com a clareza súbita  
De predador avezado  
Ao sangue da superfície  
Olhos extenuados de tanto olhar  
Não ousava aterrar  
As adriças açoitavam os mastros despídos  
Madeiro alto de súplica  
Corroído de sal  
Ruído de címbalos decadentes desarmónicos  
A anunciar a missa de fim de tarde  
Os dias corriam lestos naquela manhã cruenta apeada do  
seu cargo natural  
O sémen esgotado por noites doridas anojadas no leme  
calejado por mãos de dedos cortantes aceirados pela

ferócia das vagas cruzadas encapeladas dos Cabos que  
resguardara nas navegações sem rumo de agulha de  
marear fosca e imperscrutável  
Afastara-se das pontas de terra que penetram as águas  
Das escarpas das costas até à invisibilidade dos  
pormenores e dos pontos conspícuos  
Arredara-se para a segurança das águas profundas que  
por benevolência aumentam a distância das poupas das  
ondas penteadas em cume de montanha submissa onde o  
coração pulsa lento e pacífico  
Longe da rota dos grandes cargueiros  
E dos monstros oceânicos  
Não podia dispor do Destino  
Os seus passos milagrosos no espelho das águas azul-  
celeste e o ponto marcado na carta amarelecida pelo  
tempo ignoto e pelo salitre não eram seus  
Não poderia dispor do Acaso  
O vento leve e falso fazia abater a embarcação que rolava  
e que seria o seu catre e esquite  
Deixava-a ir a correr com o tempo maldito  
De nada lhe serviria contraverter o querer do mar  
arrebatado em fúria  
Mar-mulher Mar-pai Mar-filho  
Mar-tudo  
Sem ansiedade olhava os limites do futuro  
A incerteza dos passos marítimos a tocar as nuvens  
brancas e luminosas das ondas a jorrar  
Deixou-se embalar pelo movimento enternecedor  
desfrutando voluptuoso o medo desse momento mágico  
Sabedoria de azul cromada à deriva  
O amanhã poderia ser um túmulo perene nas amorosas  
águas do largo  
Na bonança do serpeado contraído  
E surdo

Hoje o céu  
Está tão branco  
Tão amoroso  
Parecendo leite  
Doador por mãe  
A pobre filho alheio

Fogo de artifício  
No mar

À vela  
Por clarões iluminado  
Espreito o luar

Nuvens no cume da Serra  
Pousadas nos arvoredos baixos  
Nas fragas nos penedos  
Flagelados pela neve

Passo pelo seu coração  
Já vejo céu e sol  
E voo leve  
No seu dorso  
Em assento de cristais de gelo



Azrael veio  
Azrael sem hesitação  
Levou-o ao Abismo

Cesto cheio de políticos

Há noites sem fim  
Onde as estrelas choram  
A solidão

Lágrimas cadentes  
De quem ama  
E amada não será

Casas velhas amontoadas em cal e tintas coloridas  
desbotadas pelo sol e pela chuva  
Lá dentro um naco de pão  
E a esperança do Paraíso

A névoa  
Beija o vale deserto

Acaricia o meu corpo  
Amacia minhas mãos gretadas  
Pelo suor ácido da Saudade  
Do que em tempos foi  
E morto está

Ele  
A quem agora chamam  
Vale das Lobas

Solidão –  
As sombras descem  
Ao quarto de hotel

Garças  
Nos campos semeados a verde

Ali tão perto  
A ria passa em leito incerto

As nuvens fogem  
Nós em viagem

As garças ficam  
Coladas à paisagem

Não posso dizer qual das duas quero Tanto quero a uma  
quanto à outra  
O mundo corre depressa para o amante que está longe de  
todas as flores perfumadas pelo vento

O vento fala e  
A sua voz  
É a da saudade  
Que lhe corre na alma

Vem brisa  
Da terra  
Enfuna as velas

A grande bate  
Arriba  
A Genoa faz barriga  
Caça

Proa a cavalo no vento  
Perco o pensamento  
Em unidade com o movimento

Vento Terra Mar

Não tinha ninguém mas parecia ter toda a gente  
Suportava heróico a solidão encurralado no átrio do  
Palácio das Mil e Uma Vozes O luar brilhava nas paredes  
do silêncio com testa de marfim A ramagem da árvore do  
Acaso penetrava sorradeira nas duas janelas opacas de  
arte contemporânea As aves descuidadas faziam as  
necessidades nas telhas do vigamento e do ripado sem  
telhado

Era um lugar secreto  
Para um Homem só na multidão

Cama doirada  
Um corpo branco

Crisântemo  
Em corpo de mulher  
Reencarnado

Não sabia  
Nem sei  
Como lhe havia ou hei-de dizer  
O que sinto o que sou o que desejo

Tão jovem

Rebento de árvore celeste  
A emergir do mais profundo azul  
Com os sonhos mortos de amor  
A navegarem soltos no corpo  
Ao destino de um beijo alheio

Tão jovem  
No olhar melancólico  
De pedra talhada no deserto  
A oscilar  
Entre os meus olhos brandos  
E os arbustos acesos da colina

Boca fina  
De ninguém  
Lábios que muito quero  
Que lhe não peço  
E não sei  
Se lhos hei-de pedir ou não

Galgo a corrente de maré  
Vagarosamente

Ao longe  
Na margem  
Mãos que acenam

Quem serão?  
Que importa  
Saúdo-nos

De manhã  
Ao acordar  
Questionava-se ensonado –  
Quem sou  
Donde vim?

À noite  
Ao deitar  
Perguntava-se cansado –  
Para onde vou

Caminho com o Destino  
De mãos dadas  
Com a felicidade do dia  
Morte do sofrimento passado  
Sem saber ao certo  
Donde venho  
Ou se sou eu que venho  
Ou um qualquer espectro sombreado a bronze  
Companheiro deste Outono ligeiramente matizado  
De prazer e dor  
Desespero e esperança  
Ódio e Amor

Nada há como a Primavera florida  
A cantar humilde e deslumbrante  
No bosque calmo e natural

Que vibra submisso  
Ao simples encanto  
De uma única flor colorida

Teatro nocturno –  
No telhado  
Gatos brincam ao amor

Às vezes em dias mais cinzentos que o próprio cinzento  
detesto este mundo Mas nem sempre  
Quando o detesto não penso em suicidar-me penso que  
deveria ser só para mim e que quando eu morrer não  
deve continuar

Decido-me a olhar-te  
Já te havia chamado à minha solidão  
O meu desejo é seguir  
Seguir sempre  
Na viagem do próximo horizonte  
Onde reino após reino  
Bocas de mulheres  
Me aguardam pacientemente

Um álbum de fotografias  
A preto e branco

Eu tinha os cabelos loiros  
Encaracolados

Meu pai ainda jovem  
Cotovelo apoiado  
Na perna suspensa em muro caiado  
O rosto apoiado nos longos dedos  
Príncipe encantado

Minha mãe  
Magra loira linda  
Beleza profunda  
Em longo vestido cintado  
Sorriso do mundo o mais belo

E agora  
Eu Deus meu  
Neste sufoco neste aperto  
Envelheço  
A branco e preto  
E morro

Um calor insuportável  
No hotel –  
Até os cães suam



Os grilos  
E seu cri-cri

Cri-cri cri-cri  
Ao anoitecer

Nas alfaces nas couves  
Cri-cri

Cri-cri cri-cri  
Até ao amanhecer

Nas hortas  
Aqui e ali

### *À Tia Cândida*

Hora de vindima  
Fruto espezinhado  
No grande lagar de granito

Os mesmos pés que a vida pisa  
Pisam agora os cachos  
Com carinho

E tu  
Minha tia  
Minha mãe

Que da terra cuidaste  
Como quem de criança cuida  
Às agruras do tempo sujeita

Tão velhinha  
Ausente  
Desta tua Criação

O mar rasgou-se  
Há rajadas de alegria  
Na magia incomensurável  
Provocada pelo firmamento  
Em movimento circular

As estrelas escrevem poemas  
Cadáveres esquisitos  
Orgasmos a residir na glória do relógio inerte  
Da Casa dos Vivos e dos Mortos

Prémio  
Ou  
Castigo

As marés vivas sem nome  
Arrastam para a areia  
Longas cabeleiras entrançadas  
Brilhantes obscuros de quem ignorou os auspícios  
proféticos de mestre Antão  
Para uns santo  
Para outros charlatão

Recitava em silêncio uma oração  
Sentado nas ervas da orla do campo cultivado  
Lado a lado com flores silvestres

Sonolento  
Preparava-se para dormir ao vento  
Garrafão de vinho novo ao lado  
Por abrir

Era cedo para beber  
Dos deuses a bebida  
Deles preferida  
E de si única amiga

A aldeia dormia ofegante  
Entre postes de madeira

O galo ainda não cantara

Numa janela espalha-se uma luz  
Alguém se prepara  
Para mais um dia  
De miséria

Nas noites quentes  
Os grilos nascem  
Na horta do pátio

Amo-te  
Velha oliveira  
Retorcida enrugada  
De braços abertos ao destino

Por meu falecido pai plantada  
Também por ele amada

E tu  
Meu filho  
Quando eu fechar os olhos  
Nessa noite de breu  
Ama-a como teu avô a amou  
Ama-a como eu

O Mar  
A Serra  
A Mulher

Nas páginas abertas do meu coração  
Impávidas  
Plácidas como noites de Verão  
Estão escritos os vossos nomes

Ondas ligeiras cruzadas  
Azul ultramarino e espuma alva  
A adornar o navio

O cume aceso  
Pinheiro silvestre alecrim rosmaninho  
Cobertos de neve e gelo

Cabelos entrançados  
A oiro e lírios ornados

Bocas rosa de meus pecados

Sois vós  
Os meus únicos vícios

O Paraíso à noite  
É iluminado  
Por pirilampos

Existem Ilhas  
Ilhas onde não há gente

Ilhas despovoadas  
Selvagens

Civilizadas  
Pelo vento quente de África

Adormecera  
Na calma  
Das águas plácidas  
Da baía de Benguela

Sonho rasgado de saudade  
Do agora velho soldado  
Das terras de África ausente

À sua frente  
No areal  
A sua negra  
Dentes alvos  
Peitos hirtos e redondos  
Olhos rasgados  
Sorria-lhe amorosa  
Dolente  
Languescente

Desperta envelhecido  
Esfuma-se a nítida aparição  
Na face uma lágrima mordente

Se soubesse que sonhava  
Nunca teria acordado

E a negra ainda na praia presente

Um insecto zumbe –  
Muitos gestos  
Para duas mãos

Voltara a ouvir a Voz

Clamava na noite dos espectros azulados acompanhada  
do rufar de mil tambores

Não te acorrentes a nada  
A âncora é da palamenta a escrava das grades

Levanta ferro  
Para Oeste

Nunca olhes para trás

O Oceano é o teu Destino  
Naufrago Errante

A erva morta  
Agita-se à brisa  
Que varre as faces da terra

Um rouxinol canta  
Entre pingos de chuva  
E raios de frio sol

Anoitece mais cedo  
As estrelas não aparecem  
E os teus lábios escurecem

As folhas das árvores  
São as cartas de amor  
Que nunca escreveste

O manequim da montra  
Da rua dos Fanqueiros  
Está quedo  
Em soberbo fato

Cá fora em tom ligeiro  
Tamborilando a cabeça descoberta dos passantes  
Excedentes do emprego sem trabalho  
Um breve aguaceiro

Uma lontra loira  
Escorrega súbito  
No passeio  
Enquanto um careca  
Protege a cabeça  
Com um jornal enrolado

À porta da loja  
Um vendedor baixo  
Gorducho  
Bem vestido  
Engravatado  
Alheio à vida  
(não aos dinheiros)  
Chama-nos –  
Entre Senhor  
Preços de crise  
Aqui há sempre saldos

Quem não herdou  
Ou roubou  
Se de justo trabalho viver  
(ou da esmola de alguém)  
Nunca há-de enriquecer



Mas se for jovem mulher  
De perfeitas linhas desenhada  
E com velhos se deitar  
Logo se verá logo se verá

A claridade da aurora servida numa taça de noite dormida  
em perfume de loucura  
Na abóbada os astros já não se movem e o rio urinado  
pelos embriagados desagua no oceano o lixo humano que  
cambaleante e aceso de pó vagueara pelas ruas da cidade  
em busca de uma cama acompanhada  
Os vagabundos da noite tropeçam nos seus próprios  
passos nas fêmeas com o cio nascido do tédio e da  
habituação São jovens Alguns mais velhos mas ainda com  
t....  
Todos unidos no marasmo do sexo experimental

É tão triste o desamor  
No bolorento poente da vida  
Em passos de mistério escondido

Na tarde de oiro  
Palpita vagueando  
De mão em mão  
O velho coração de corda

É tão triste envelhecer  
A mendigar com o olhar

## A visão do Amor e do Mar

Anda o luar de aldeia em aldeia  
Boca de luz prateada

Varre eiras  
Verdes lameiros  
Charnecas  
Penedias  
Vinhedos  
Pinheirais  
Vales e serras

Busca uma boca  
Vermelha de mulher  
Cansado de beijar a terra

Era a moça mais bela do povoado  
Tinha asas desejos cabelos doirados  
Não voava e os cabelos entrançava  
Porque lhe diziam  
Que amar era pecado

Não me culpo a mim  
Não te culpo a ti  
Não vos culpo a vós  
Dos pecados que cometi

A minha  
A vossa  
Qualquer voz  
A que na minha alma ouvi

No fim  
Haverá castigo ou perdão  
Inferno  
Compaixão?

Talvez haja talvez não

E se a houver  
(ela a compaixão)  
Se Ele a tem  
Na concórdia do erro  
Com a divina justiça  
A Misericórdia hei-de alcançar  
Daquele que o mal  
Não distingue do bem

Risos de criança  
Abrem-se  
Nas sombras das árvores  
Recordando  
As vigílias de fé  
Torturante  
Da idade das pedras  
Ruivas  
Sem nome

Pertencem  
A uma instituição  
Onde os orçamentos  
São gastos  
Em pó negro  
Montes de areia  
Uivantes  
A clamar por corações  
Sedentos de rosas  
E frutos sinistros  
Na luz de lanterna sombria  
Espoliados

Afinal quem é ladrão  
Dirigentes governantes  
Que estão fora de grades  
Ou os que estão na prisão?

Uma voz betumada  
Sobressai  
Esganiçada  
Cana rachada  
Nas gengivas em sangue  
Escuro e agravado  
Por aderências  
Asquerosas  
Seculares

E a voz absorvia  
Os sorrisos inocentes

Só a Liberdade e o Amor me prendem à vida

Poesia Pintura Música naturais extensões a enlaçar os  
meus braços ensanguentados pelo torpor inumano dos  
miseráveis de espírito

Abro um livro pouco lido do Poeta

Leio

*Quem não quiser sofrer que se isole*

*Feche as portas quanto possível à luz do convívio*

O convívio pardo filamentoso do arco de poeira negra de  
comerciantes industriais políticos e de tantos outros  
anormais deste mundo

Amantes do dinheiro

Prostitutos da riqueza e do poder

Falsos

Volúveis

Fungíveis

Espíritos imundos de consciência leve

Que o Diabo os carregue

O amor sempre termina numa noite longa de luar

Corpos celestes em brasa

Na despedida

Cobrindo as cinzas do passado

O vento cai na cama vazia Há luzes débeis no corredor  
antigo de tabique Os passos leves e ponderados  
passeiam-no em todos os quadrantes da alma Range o  
soalho gemente Os olhos da mulher do quadro espreitam  
a insónia da vontade que se alonga às praias distantes

imersas na nostalgia de Outono Há pedaços de corpos  
objectos mutilados e a podridão da carne suavemente  
depositados na areia molhada de volúpia  
O vento veio Ela não

Não sei se os teus lábios  
Nos meus colados  
São sonho ou realidade  
De quem pensa

Se são sonho  
Que não desperte  
Se realidade  
Que o sono me não vença

Tinha no rosto o orvalho das lágrimas  
Vertidas na alma geada do vale

A Lua viaja no céu vazio Há pirilampos suspensos nas  
sombras Uma lareira com paus de pinho crepita no abrigo  
da montanha Há mantas desfeitas enroladas nos corpos  
sofridos de dois mendigos esfarrapados pela neve e pelo  
temporal Uma côdea de pão verde de mão em mão O

lume arrefece Um dos pobres velhos adormece Não sonha  
O outro mais novo de longas barbas proféticas espreita  
pelo janelo a morte da luz a arrojá-la pelas pedras  
fúnebres do cemitério  
Se morresse não teria frio  
A morte é sempre quente

Será que o meu corpo existe?  
No teu esquecimento de mim  
Poderá ele existir?

O cabelo em desalinho da caminhada À porta da  
estalagem o Cocheiro do Inferno impassível sereno  
indiferente Seria a sua última viagem do dia maculado por  
torturas animais  
Estava frio  
Mas não tremia  
Habitado que estava ao calor equatorial e aos gelos do  
ártico  
Levá-la-ia  
Uma estridente facada no coração  
Desferida por cliente  
Ocasional  
Demente  
Como todos nós

A ti te escolho  
Corpo e alma na lonjura  
Recordação constante

Tu a que estás perto  
E não desejo  
Para ti guardo o esquecimento

Humilhado nas colinas desertas Flagelado desde tempos  
ancestrais nos flancos do seu reinado  
Demorara-se nas estrelas  
Pingos orvalhados de luz a marcar compasso na  
composição celeste  
As árvores olhavam-no com os olhos semicerrados  
enquanto a Lua deambulava quente  
As rochas ardiam na confissão que às pacíficas nuvens  
faziam

Jovem rei de verso imperfeito a dividir afectos aos ventos  
do serão das noites frias de Verão  
O ar fresco corria-lhe nas artérias Implacável era a chuva  
a tingir a terra de vermelho  
Depôs a espada do ódio vencido pelos nevões amenos do  
poema  
Viajou nu  
Bateu às portas de todas as cidades com as lágrimas  
escondidas Nenhuma se lhe abriu  
As pedras eram a sua leitura os trovões a lamparina e os  
seus ossos molhados a certeza da viagem no coração dos  
pássaros a rastejar no chão do espaço

Houvesse um deus e deixar-se-ia levar



Um promontório onde ficar  
Asas para voar  
Incerto no rumo triste do caminhar dos lábios a sangrar  
beijos

Os pinheiros sempre verdes  
Contorcem-se no vendaval

Acenam-me com as suas mãos coloridas  
Chamam-me Vem

Para sentir o que sentem  
Quando se suporta um temporal

Nem sempre sinto saudades  
Dos dias felizes  
Corridos à tona de água

Quando as sinto  
Fico triste como criança  
Sem ninguém para brincar

Quando as não sinto  
Mergulho em ácida melancolia  
Em mundo que enfada

Quando o amor acaba  
Esse amor terno e vero  
Rasga a escuridão do céu  
Que o mar sangra  
E faz sangrar o meu coração

Amei-te  
Em sonho  
Amei-te  
Por toda a noite  
Em dia  
Já passado

Não sei  
Se no sono  
Te amei  
Se foi na realidade  
Que contigo  
Privei

O sonho  
E a realidade  
Existem  
E não existem  
Mas o Amor  
É sempre verdade

As noites de Inverno  
São tão longas e frias  
A menos que se faça amor

O lírio do campo inclina-se sóbrio ao pinheiro nascido da  
rocha salteada de emoções e com as velhas raízes  
expostas na margem da lagoa seca  
Um rio de lágrimas escorre da tua sombra que junto a  
mim alimenta corrente de tormentos pelo carreiro  
adventício das orquídeas selvagens  
Na ramagem do amor que acaba em escuridão

Partiste  
Amiga  
Amada  
Flor da Criação

Um lenço  
A dizer adeus  
Uma mão  
A chorar  
Olhos rasos  
De sangue fresco

Partiste  
Voltarás?  
Eu fico  
Eu aguardo

Tu foste a primeira  
Serás a derradeira

No compêndio escolar um beija-flor  
À porta do bar  
Um pinga-amor

Cantai raparigas  
Cantai  
Essa triste canção  
Que um poeta  
À morte escreveu

Dai-lhe vida  
Dai-lhe a voz  
Da mocidade e da alegria  
Que o poeta está morto de vivo  
E a morte não morreu

Acenai vossos lenços  
Vossos braços  
Vossa mão branca  
Erguei vossos olhos  
Às estrelas vosso cantar

Graciosas  
Dai-lhe a vida  
Que não viveu

Folhas caem no pântano em Tróia  
Cadmio à pressa se vestiu no sono profundo  
Oh pára de falar dessas mãos de vento com quem  
conviveremos chegada a hora  
As plantas altas de seda verde corroem os nenúfares dos  
cumes desertificados na manhã orgulhosa de bico  
pontiagudo  
Os espíritos planam nas vias estranhas dos resgates das  
determinações lamacentas e inefáveis  
E nós estamos aqui a reinventar a vida  
Afáveis como vermes

Presa  
A agonia  
Os pombos  
Voam

Nas sentenças  
Se reconhece  
O poder  
Dos usurpadores

Com a morte  
Diante deles  
À beira da última  
Embriaguez

As cabras

Apascentam-se  
Nos cérebros  
Transparentes

Tu pobre criatura Que sabes tu? Que o céu é azul e o mar  
salgado Os átomos tão pequenos que os não podes ver A  
terra ora castanha ora verde é quem te alimenta e quem  
te há-de comer Que há guerra e paz ódio e amor fartura e  
fome alegria melancolia dor e tédio a cada amanhecer  
Que sabes tu dos mistérios por conhecer?  
Sabes agora o que saberás ao morrer

Cai o véu da noite na folha escrita de amor Nela escrevera  
o nome Dela  
Olhos tristes como pétalas pendentes e folhas caídas  
O amor tantas vezes jurado de mãos apertadas e febris  
era agora jóia furtada  
Nascera quando a conheceu  
Morria porque a perdia  
Vendo que a não via  
O vento cortante  
O tempo quente frio  
A clepsidra vazia  
No beijo que se nega e não se quer  
Fogo de amor nela extinto  
Morria porque a não via  
Mesmo sabendo  
Avisado  
Que no coração de uma mulher

Quer se queira quer não  
Há sempre um qualquer homem  
A ocupar o lugar  
Por outro homem antes ocupado

As tuas palavras ferem  
São chamas que abrasam  
Fogo que arde sem arder

As tuas palavras mentem  
São cinzas que nas ondas vagueiam  
E ao mar fazem doer

Os teus olhos matam  
Ao mais furtivo olhar  
Sem remorso ou piedade

E se assim destroçam  
A minha ânsia de amar  
Que finde já a saudade

Mundo estranho onde vingam os demónios enriquecem os  
ladrões com colarinhos brancos engomados patrões e  
outros diabos sem que sejam castigados  
Quis ser como eles Enganei mulheres Furtei corações Os  
de minha raça maltratei Assim pensei receber a  
recompensa aos ladrões destinada num mundo virado ao  
avesso

Mas como a ti Luís Vaz de Camões Deus me castigou de tanta maldade e num mundo tão mal ordenado também para mim anda concertado

Costumava sentar-se nas rochas passajadas e batidas por golpes de mar Umas vezes tão terno Floco de neve nas mãos da criança marítima Outras violento soldado com a mão direita a tremer o gatilho da morte Só custa matar a primeira vez A partir daí matar e ver morrer a quem não se quer é tão normal e arrepiante como amar corpo que se não conhece

Parecia estar cansado da vida dos homens na marina-passadeira de pernas sapatos roupas de marca e sorrisos elegantes e asnáticos Raramente os olhava e quando olhava o seu olhar atravessava carne vísceras e ossos fixando-se num além indecifrável

Via-o do meu veleiro quando nas noites de luar preparava o aparelho para soltar as amarras da mente na vastidão das águas pintadas de escuro azul

O seu rosto era sempre o mesmo Rugas torneadas pelo sol da angústia leitosa Pouco lhe importava a ferida que o meu pesado patilhão abria no coração do mar fazendo-o sangrar As minhas velas lembravam-lhe as asas duma gaivota esfomeada

Nunca quis partilhar uma viagem ao mar profundo O seu olhar circular envolvia todos os oceanos com seus cabos tormentosos temporais e calmarias

Horn e Boa Esperança

Hoje não o vi

Dizem-me que morreu

O último dos Navegantes de Sonho

Reduzido a cinzas

Sepultado no horizonte do seu olhar

Ouve se me ouves

Partirei do teu lugar



Mas não morrerei em terra  
Morrerei no Mar  
E de todos vós  
Que amo e amei  
Vosso nome  
A maiúsculas escrito  
Na areia deixarei

***OUTUBRO DE 2011***

**JOSÉ MARIA ALVES**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)

[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)